

Gustavo Krawser

## REPERTÓRIO

### Storyline

Voz do Henrique

Estou namorando há pouco mais de um ano. A minha namorada, a Alice... Bom, ela não quer me deixar pegar por trás. Diz que não é natural... Hunf!

Eu estava seco, naquela situação, quando comecei a reparar que o vizinho dela, o Ricardo, ficava me olhando de um jeito... estranho. A gente sabe diferenciar o olhar de interesse dos outros tipos de olhar. De qualquer forma, fiquei em choque quando ele me propôs:

– Eu dou pra você o que a Alice não quer te dar.

Topei. Não topei fácil, mas acabei topando.

Fiquei alguns meses sustentando as duas relações. Até que o irmão da Alice, aquele desgraçado do Felipe, flagrou a gente. O filho-da-mãe me deu um ultimato:

– Ou eu faço com você o que você tem feito com o Ricardo, ou eu conto tudo pra minha irmã. Você decide.

E agora, o que eu faço?

### Prólogo

“Não existem héteros, existem *gays* sóbrios”. Foi esse o princípio que levou Ricardo ao atrevimento que estou pronto a relatar. A partir de agora, caro leitor, você penetra comigo na vida de quatro pessoas. Elas não têm conhecimento da minha existência, e espero que não cheguem a me notar. Não vou me descrever. Digo apenas que, para esta trama, assumi um aspecto interessante: estou bonito, bem arrumado, alinhadíssimo num terno preto risca-de-giz. Pretendo fugir de formatos já estabelecidos. Vou invadir pensamentos. Não ficarei preso a apenas um tempo verbal, nem à minha própria voz. Ainda assim, tentarei não confundir, apesar do imenso prazer que a confusão me proporciona.

# PRIMEIRA PARTE

*Livra-me de ti. Que eu reconstrua  
Meus pequenos amores. A ciência  
De me deixar amar  
Sem amargura. E que me dêem  
Enorme incoerência  
De desamar, amando. E te lembrando  
– Fazedor de desgosto –  
Que eu te esqueça.*

Hilda Hilst em  
*Dez chamamentos ao amigo*

## I

Ricardo matou a intrusa. Agora, sobre a cama úmida de suor, acha que talvez nenhuma posição o faça dormir. Ele vira o travesseiro em busca de uma parte ainda não esquentada pelo corpo. O trabalho despendido com a desgraçada foi árduo. Mesmo com a arma em punho, teve receio de se aproximar para o golpe fatal. Era nojenta, a intrusa desgraçada: uma barata das grandes, voadora.

A responsabilidade pela aparição da intrusa pertence à mesma entidade que causa a insônia: o calor. Milhares de insetos, saídos sabe-se lá de onde, parecem dominar o mundo nos períodos mais quentes. Tanto que a dificuldade de permanecer descoberto é superada pelo pânico da exposição aos pernilongos. Por mais suado que esteja, Ricardo não admite se livrar do lençol. Muito menos abrir a janela e refrescar o quarto – outras intrusas podem surgir.

Ele volta a virar o travesseiro, mas ainda não deu tempo de alguma parte esfriar. Encara o armário. Deve pensar na possibilidade de trocar a fronha. Então sacode a cabeça, parecendo que mudou de idéia, talvez por perceber que a temperatura agradável de um novo tecido não durará muito tempo. Deita-se de lado alisando a roupa de cama com a lateral da nuca. É um pouco mais abrupto do que Rofetus, aquele gato vira-lata insuportável, que faz o mesmo movimento em pernas alheias nas crises de carência. Só que a intenção de Ricardo não é se alisar, mas sim arrumar o cabelo, afastar os fios de áreas que vão além do couro cabeludo. Ele tem pavor de senti-los fora do lugar. Tira também os tufos da testa, jogando-os para trás. Pára a mão no alto da cabeça, segurando tudo, como fazia para proteger da avacalhão do ex.

– Ele sabia ler meus pensamentos – pensa Ricardo, em voz alta. – Bagunçava tudo quando percebia essa paranóia.

Ricardo desce a mão. Não há ex, não haverá bagunça. É só o olhar para a intrusa transformada em gosma na sola do chinelo.

Mais um pensamento falado:

– Será que devo comer?

## II

Desabotô o paletó do meu Armani para sentar na poltrona de couro branco. Estou no quarto de Alice. Seu cabelo sarará vai de encontro à pele clara, os lábios

rosados... um aspecto tão frágil, inocente... Observo-a assistir ao último episódio de *Nip/Tuck*. Ela usa um pijama divertido, com estampa de frutas tropicais. Há cinco minutos posicionou-se de bruços sobre o lençol verde-claro. Colocou os cotovelos apoiados na cama e usa as mãos como suporte para o queixo. Os joelhos dobrados jogam os pés para cima. As pantufas felpudas, ambas em formato de sapo, cruzam-se em vaivéns frenéticos. Surge uma comemoração. Eu pergunto:

– O que é tão legal?

Ela continua comemorando.

– Ter repertório é o máximo!

Deliro com a forma como ela se dirige a mim. Acha que conversa sozinha, mas conversa comigo.

– Repertório? – pergunto eu.

– FELIPE! – grita Alice, como se soubesse que ignora a minha pergunta.

– O que você quer com o seu irmão?

– FELIPE! – torna ela a gritar, tão alto que contraio o semblante.

O irmão dela aparece na porta. É mulato, bonito.

– Essa atriz que faz a Ava é a mesma que faz a Jean Grey em *X-Men*, não é?

Felipe olha para a tela, confirma com um “é”.

– Agora pára de me chamar – exige ele. Em seguida, ergue a munheca simultaneamente com uma virada brusca, jogando um cabelão imaginário para trás: – *¡Estoy haciendo mi maleta!*

– Que bichona! – exclamo eu, em vão, já que nenhum dos dois sabe da minha presença.

Felipe se retira rebolando exageradamente. Eu chacoalho a cabeça, reprovador, estalando continuamente a língua no céu da boca. Alice, tão acostumada aos ataques do irmão, não dá a mínima. Ela rebobina a cena. Na tela, o diálogo de duas personagens: Julia McNamara diz a Ava para ir embora, renascer como a Fênix.

### III

Leio mentes analisando olhares, expressões, gestos. Manipulo-as com sussurros. Faço pessoas pensarem que falam sozinhas quando na realidade estão me contando tudo. Sou deveras muito poderoso. Posso, inclusive, manipular sonhos. Por isso estou aqui, contemplando o sono de Ricardo. Penso, enquanto me aproximo, que ele fica ainda mais bonito indefeso. Desço o joelho direito ao chão para colocar meus lábios perto de seu ouvido. O pobrezinho já está no sono REM, logo é hora de fazê-lo lembrar. *Lembrar de quê?*, você me pergunta. *Lembrá-lo de como seu último relacionamento havia se tornado nocivo*, respondo. Afinal, é notório que ele anda pensando demais no ex. Isso não o levará aonde eu quero.

O meu sopro começa:

*Você está em uma festa. Só os amigos do seu namorado estão presentes. É difícil se entrosar com eles, não só por que pensam muito diferente de você, mas também porque seu namorado destruiu sua auto-estima com uma lavagem cerebral, te convencendo de que os seus assuntos são chatos, fazendo-o acreditar que ninguém tem paciência com você. Quando surge uma conversa agradável com alguém, ele te espreita, notoriamente tenso, intimidando a sua socialização. As únicas pessoas que importam são as amigas dele. O que vão pensar, dizer umas às outras? É nítida a vergonha que ele sente de você, te mantendo distante, sem mais nem uma migalha das carícias em público.*

*O álcool no cérebro te ajuda a ignorar os olhares paranóicos do seu namorado. Ele percebe que você conseguiu se soltar, “culpa da bebida”. Caminha na sua direção com a intenção de monitorar a sua conversa. Ao vê-lo se aproximar, você se vira abruptamente e derruba...*

Ricardo acorda, acabando com o meu barato. No sonho, por muito pouco a tulipa de cerveja não havia caído sobre seu colo. Ah, se tivesse caído, do lado de cá Ricardo teria mijado na cama. Ah, se teria! Mas, ao invés disso, ele acorda e agora caminha quase sonâmbulo em direção ao banheiro. Vou junto, sem afastar minhas palavras de seu ouvido, tentando não deixar o sonho se perder. Ricardo senta no vaso e cochila enquanto empurra o pau duro para mijar. A frustração onírica prossegue com os meus sussurros:

*– Nós nunca vamos dar certo – diz você ao seu namorado enquanto estão indo embora, sozinhos no carro, o único momento a dois de toda a noite.*

*Ele detesta quando você diz que o relacionamento nunca vai dar certo. Ele pede explicações, mas você ignora. Ele te acusa de ter bebido além da conta, mas o problema não é a bebida, porque com os seus amigos você teria passado daquele nível e não haveria estresse. Você tentaria explicar que não era a bebida, tentaria expor o que te aflige se sentisse que valeria a pena. Àquela altura, sentindo que o amor havia acabado, no entanto, tudo o que você quer é terminar. Mas o medo não permite. Medo de não se adaptar à solidão. Medo de antes de dormir não ter para quem ligar e contar as banalidades do dia. Medo de nunca mais encontrar alguém. Medo...*

Os meus sussurros param. Ricardo respira fundo, tagarela um “Nós nunca vamos dar certo” e vira para o outro lado. Amanhã, tenho certeza, lembranças nostálgicas terão esvaecido.

## IV

Adoro essa palavra: “Adoro”. Adoro, também, quando a Alice dispara a pensar em voz alta. Neste momento ela está sentada de frente para o espelho, metaforicamente nua, repassando um diálogo que teve com o pai. Ora e outra dou risadas porque sei que ela acrescenta trechos que gostaria de ter utilizado. O adestramento chegou a tal estágio que não me perco nas vozes. Diferencio cada uma pelas diferentes expressões e tonalidades. Vou destacá-las enquanto transcrevo-as. A intenção é fazer você, leitor, entender tão bem quanto eu:

**Voz do pai:** Eles tomaram o poder e não querem mudar mais nada.

**Voz dela com o pai:** Eu li *O alienista*, pai.

**Voz dela com o pai (fervorosa):** Eles ficaram velhos. Devem estar com medo de vegetar e não ter quem cuide deles. Talvez eu me torne um mentecapto desses, bem ranzinzas. Talvez o individualismo da idade também me obrigue a mamar em alguma teta. Talvez eu também tenha medo de vegetar. Quem sabe um dia eu não acabo me tornando uma tia velha num casarão em Portugal? Aí eu contrato uma enfermeira como a Juliana que vai cuidar de mim acreditando que lhe deixarei uma boa herança.

Alice cutuca a cutícula saliente enquanto conversa consigo mesma, arranca um bife.

**Voz dela com ela mesma (explicativa):** As opiniões do meu pai são tão rígidas. Não sei por que tipo de lavagem cerebral ele passou na AMAN. Só sei que foi mais forte do que a que fizeram em mim.

**Voz dela com ela mesma (determinada):** Não vou mais pensar nisso.

Alice pega um algodão. Pressiona sobre o dedo de onde tirou o bife, quer que pare de sangrar. Ela fecha os olhos, respira fundo.

**Voz dela xingando alguém:** Vai tomar no meio do seu cu!

Não sei de quem é a imagem que sua mente reproduz no momento. Talvez seja a do Ricardo.

(Só uma observação, caro leitor, que não é para você, mas para o panaca que eu mando digitar essa porra: isso é oxítona terminada em u!)

Alice se levanta. Ainda de olho no espelho, nota atrás de si sua tela mais antiga, inacabada como as outras, ainda no suporte: um patinho encardido, melancólico sobre o reflexo turvo no lago de superfície negra. Passei diversas noites roubando o sono de Alice para que ela concluísse o quadro.

**Voz dela com ela mesma (indignada):** O que você quer, pato desgraçado? O que você quer?

Eu conheço a resposta, mas ainda não é o momento de revelar. Só conto que o pato será importante para o que está por vir.

Fora em Henrique que Alice pensara enquanto fazia o esboço do pato. Reproduzia as imitações de Pato Donald a cada traço. Lembrava-se das frases mais engraçadas soltas nos momentos mais inusitados. Mesmo que o namorado não desse importância à pintura, Alice o considerava sua maior inspiração. O trabalho desencadeava nela pensamentos em Henrique que exercitavam a saudade de um dia inteiro sem contato. Não que Alice admitisse isso – ela não o admitia nem para si mesma. Eu próprio perdi as contas de seus atos inconstantes, de quantas vezes mandou Henrique ao inferno com a desculpa da rotina de namoro. Sem contar que vira-e-mexe xinga o coitado do pato, pintado sozinho no lago escuro.

**Voz dela com ela mesma (indignada):** O que você quer, pato desgraçado? O que você quer?

Agora, depois de ter colocado a tela de costas no suporte, Alice está debruçada na janela. Ela olha as estrelas, meditativa, desolada. Acende um cigarro. Desvia o olhar para a janela de Ricardo, seu “vizinho intriguento”.

**Voz dela com ela mesma (revoltada):** Ricardo safado...

O telefone toca. Alice é daquelas que têm uma “voz de telefone”:

**Voz dela ao telefone (sexy):** Alô?... Não Emengarda, (Todos os personagens sem importância desta trama têm nomes absurdos.) dente caindo não significa necessariamente que alguém vai morrer. Pode ser a morte de uma fase, ou de uma paixão ruim... Emengarda, eu preciso desligar... Tá bom, conta logo como o sonho terminou... O quê?... (Alice rola de rir.) Você beijou a Susana Vieira na boca?... Eu não acredito!... Ela tava de cabelão?... (Alice rola de rir mais uma vez, gritando “Tava!” entre risadas contidas.)

Alguns minutos de ligação ainda são desperdiçados com trivialidades. Até que Alice se despede e põe o fone no gancho. A alegria vai se dissipando. Ela encara os próprios olhos no espelho com a derradeira pergunta:

**Voz dela com ela mesma (preocupada):** Quem vai morrer?

## V

Intervalo de aula: Ricardo e Tibizildíssima conversam de baixo do pé de pitanga, sentados um de frente para o outro. Eles se aproximam, debruçando sobre a mesa de pedra, à medida que o papo sobre sexo esquenta.

– Eu adorava quando o meu ex roçava a barba em mim. Ele me pegava, segurava os meus braços, comprimia nossos corpos...

Só de lembrar, Ricardo já cobre o revirar de olhos com as pálpebras. Ele respira fundo enquanto se contorce pelos arrepios que descem o dorso.

– Meu amigo Freud explicaria – digo eu, espreitando a conversa. – que você gosta de queixos e maxilares másculos raspando no seu pescoço porque o seu pai fazia isso com você. Vai dizer que na sua primeira infância ele não te cobria de cócegas com a barba começando a nascer?

Dou risadas depois de jogar as palavras ao vento. Freud é um dos meus favoritos, tão certo ao analisar essas minúcias. Ainda assim, mesmo que me escutasse, Ricardo se recusaria a acreditar. Não que eu ache ruim. É até vantajoso que se recusem a levar Freud a sério.

Henrique surge no pátio, pára na mesa ao lado para conversar com um grupo de maconheiros. Ele dá uma bola no baseado. Observo a cena com ares de vitória. Só pode ser agora!

Direciono a atenção de Tibizildíssima para Henrique com um estalar de dedos. A técnica funciona. Sempre funciona. Ela comenta:

– Eu tive um sonho erótico com esse garoto.

– Claro que teve – comemoro. – Fui eu que sussurrei.

Ricardo presta atenção em Henrique. Eu sabia que ele prestaria porque é de seu feitio engordar os olhos para cima de desejos dos outros.

– Olha bastante, Rick – Eu me divirto. – Olha porque ele vai ser seu.

– Ele é namorado da irmã do Felipe – comenta Ricardo.

– Irmã do Felipe? – pergunta Tibizildíssima. – Aquela bicha insuportável tem irmã?

– Insuportável, sim – concordo. – Essencial idem.

Tudo caminha conforme o planejado.

## VI

Emengarda ajusta a cadeira da escrivaninha. Ela está no quarto de Alice, com a tesoura na mão.

– Senta aqui, Alice – pede. – Como você quer dessa vez?

– O corte de sempre, Memê. Mantém o meu *black power*.

– Elas ficam em silêncio por dois ou três minutos.

– Você nunca me contou de onde vem a sua antipatia pelo Ricardo – comenta Emengarda.

– Não vale a pena ficar lembrando.

– Os nossos assuntos se esgotaram, Alice. Conta porque eu detesto trabalhar em silêncio.

– Hum, tudo bem.

Emengarda solta um “hã” de admiração. Até então, Alice era só recusas no que dizia respeito aos acontecimentos que levaram à inimizade.

– Você vai contar?

– Vou.

– Então conte-me tudo e não esconda nada!

Emengarda adora dizer “Conte-me tudo e não esconda nada”. Entoa a frase com a desfaçatez típica dos fofoqueiros:

– CONTE-ME TUDO E NÃO ESCONDA NADA!

– Vamos lá... Eu me apaixonei pelo Ricardo no jardim de infância. Não por que ele fosse o queridinho da turma, mas por que me defendia dos meninos que me chamavam de “barata descascada”.

– Barata descascada? – questiona Emengarda.

– Existiam outros apelidos maldosos... “barata descascada”, “leite azedo”, “macarrão sem molho”...

A partir de agora, meu amigo, você lê a conversa polida. Além de transformar em um monólogo da Alice, colocarei na ordem cronológica para um fácil entendimento. Sem artifícios como “Antes disso”, “Antes daquilo” ou “Voltando ao ponto tal”.

*Mas voltando ao Ricardo – prossegue Alice –, o meu amor não era correspondido. Naquela época ele formava parzinho, lógico, com a menina que era o equivalente à rainha do baile daqueles filmes que a gente aluga pra ficar suspirando. Ela se chamava Rebecca, com dois Cs.*

*A Rebecca era a mais bonita, esperta e admirada. Sabia como demonstrar seu poder. Uma espécie de líder natural, entende? A chefe das meninas, sempre à frente de tudo, soberana. Todas ficavam ao redor dela. Todas a paparicavam. O estereótipo era tão forte que existia até um gosto por humilhar as mais apagadinhas. Existiu um diálogo comigo que eu nunca esqueci. Ela disse:*

*– Vou casar com o Ricardo. Ele está apaixonado por mim.*

*– Poxa, que bom – respondi eu, internamente triste. – Não sei nem se vou casar. Ninguém olha pra mim. Sou tão feinha!*

*– Não se preocupe, Alice. Deus ajuda crianças como você. Quem é feia na sua idade fica bonita quando cresce.*

*Naquele mesmo ano a Rebecca e o Ricardo se casaram. Aconteceu na festa junina. Além de ver os dois de braços dados, ele lindo de paletó retalhado e barba pintada com lápis de olho, o gordinho que seria o meu par deu o bolo por causa de uma dor de barriga. Tive que me conformar dançando com a professora.*

*A infância desastrosa seguiu até o meu pai ser transferido para Maceió. Foram três dias e meio viajando de carro. Lembro que tive insônia na primeira noite. O peito doía porque eu estava me distanciando da janela do quarto dele, porque para onde eu ia não acenávamos um para o outro antes de dormir.*

*Com a chegada da adolescência, a profecia da Rebecca se concretizou. Pela primeira vez eu estava sendo notada! Tanto que o primeiro beijo, que eu guardava para quando reencontrasse o Ricardo, foi roubado por um escroto que se gabava por pegar as garotas mais bonitas do colégio. Fiquei tão puta! Nada me traria de volta a fantasia da iniciação perfeita.*

*A falta que eu sentia do Ricardo diminuiu de acordo com o tempo, mas a cada decepção amorosa eu me consolava com a esperança de um dia tornar a vê-lo. A primeira transa foi uma dessas decepções. Primeiro por não ter sido com aquele que eu considerava o amor da minha vida. Segundo porque joelhos e cotovelos desengonçados não sabiam onde se encaixar... Foi horrível.*

*Voltei para Belo Horizonte. O Ricardo tinha se transformado em um homem, mas continuava aquele anjinho louro de cabelos cacheados. Retomamos a amizade assim que nos reencontramos. Como eu tinha me tornado uma mulher confiante, decidida, dei a entender que estava a fim dele.*

*O primeiro beijo foi uma bosta. Ele não abria a boca direito. Eu tentava conduzir, consertar aquela porcaria, mas não adiantava. O máximo que consegui foi um choque entre nossos dentes.*

*Passei os dias subseqüentes tentando me convencer de que era por causa de tantos anos de idealização, de que não poderia ser tão bom quanto eu fantasiava, mas acabei me conformando: ele beijava mal mesmo. No começo não cogitei tentar de novo, mas meu orgulho não deu chance a desistências.*

*Com o tempo foi ficando bom. Nada espetacular. Só bom. O namoro começou depois de uns dois meses. Ele me ligava do quarto dele antes de dormir. Eu atendia e olhava para a janela, ele com aquele sorriso largo acenando para mim... Éramos comparados a Dawson e Joey, acredita? Tivemos momentos lindos.*

*Quando eu propus que era o momento de termos a nossa primeira vez, houve uma esquivada. Com muita insistência, ele rompeu comigo. Na época não fiz relação do término com a minha vontade de transar. Não foi simplesmente “comer mosca”, sabe? Foi um mosquedo como refeição. Pensei em outros mil motivos, sem a certeza de nenhum. Hoje em dia, depois de saber que ele é gay, tudo faz sentido.*

*Não sofri com o final do relacionamento. Tanto que não demorei a namorar outro cara. Lembra do Miroslavo? Eu gostava do Miroslavo, mas passei a gostar ainda mais quando achei que o Ricardo estava com ciúmes. O cretino se aproximou, começou a me seduzir... A culpa também foi minha porque dei trela. Aceitei aquela calcinha vermelha de presente...*

Faço uma pausa para contar que aquela calcinha não era nova. Antes de dá-la a Alice, Ricardo decidiu experimentar. Não satisfeito com os desfiles de frente para o espelho, nem com os impropérios que sucederam o narcisismo bizarro (recuso-me a relatar), ele usou a indumentária durante uma semana. Curvava-se na cadeira da sala de aula, durante um seminário sobre *Vigiar e punir*, para sentir a renda ainda mais metida no rego. Usou a tal calcinha, inclusive, sob o terno em uma festa de quinze anos. Como socializava com uma maldade discreta no olhar, tenho certeza que mirabolava sacanagens.

Agora volto para o desabafo de Alice.

*Quando ele me deu a calcinha, comentei:*

*– Não tenho nada vermelho, mas vai combinar com o sutiã e a camisola cor-de-rosa.*

*– Cor-de-rosa? – questionou Ricardo, admirado. – Essas peças eu nunca vi, nem pela janela.*

*– O que você está vendo por essa janela, hein?... O sutiã e a camisola cor-de-rosa foram presente do Miroslavo. Adoro a tara que ele tem em roupa íntima.*

*Em menos de uma semana topei com o Miroslavo indignado. Ele queria que eu explicasse por que menti a respeito da calcinha vermelha, por que disse que havia comprado pra ele.*

*– Mas eu comprei pra você – insisti.*

*Não adiantou. Ainda por cima ele terminou comigo sem contar o que tinham lhe dito. Até aquele dia eu nunca tinha sido xingada de cadela. Até aquele dia eu nunca tinha visto alguém sentir ódio de mim. NÃO CONSEGUIA ENTENDER POR QUE ELE NÃO ACREDITAVA NA MINHA VERSÃO!*

*Só fui descobrir o porquê de tanta raiva no dia seguinte. Aquele filho da puta do Ricardo... aquele filho da puta estava espalhando que tinha me comido! Dizendo que eu me ofereci, que eu fiz um stip-tease com uma camisola cor-de-rosa, um sutiã cor-de-rosa e uma calcinha vermelha. Dá pra acreditar? CAMISOLA E SUTIÃ COR-DE-ROSA E CALCINHA VERMELHA!*

*A partir daquilo, o Ricardo parou de existir pra mim.*

Alice nunca se colocou no lugar de Ricardo. Naquela época, antes de sair do armário, ele precisava se proteger, bancar o hétero. Eu lhe dava suporte nas mentiras. Já soprei tantas barbaridades naquele ouvido! Algumas, inclusive, até para avacalhar. Afinal, ver pessoas no aperto sempre foi a minha perdição.

Emengarda já terminou o corte. Ela está sentada na poltrona de couro branco, boquiaberta. Alice não tem mais o que dizer.

– Estou chocada, Alice. O Ricardo não presta.

– Ele é um pilantra, Memê. Um pilantra.

– Bom, eu vou embora.

Emengarda se levanta. Ela arruma a alça da bolsa no ombro e sai. Eu continuo aqui, com o meu corpo na frente da tesoura sobre o criado-mudo. Assim, tampando objetos, as pessoas olham sem ver. Assim Hemengarda esquece a tesoura.

No momento certo uma arma branca será muito útil.

## VII

Adolescência dramática do Henrique. (Trecho sob análise da censura.)

## VIII

Antes de iniciar a parte 8, uma observação: Emengarda tem se soltado das cordas pra reclamar de seu papel. Isso vem acontecendo desde que a defini como “personagem sem importância”. Para continuar atuando na trama, ela bateu o pé no chão e exigiu que eu consertasse seu nome para Hemengarda, com H. Quer, ainda, mas isso sem ameaças, que eu titule a obra como *A tesoura de Hemengarda*. Dei algumas desculpas.

9

A conversa gira em torno dos filmes vistos durante o fim de semana. A roda conta com gays, lésbicas e uma hétero.

– Alguém aqui já viu *THX 1138*? – pergunta Tibizildíssima. – Fiquei impressionada. Nós somos como eles, alienados com os desastres, ninguém toma atitude...

– É esse jornalismo que só serve para aterrorizar a população...

– Ontem eu assisti ao novo filme do Mel Gibson.

– *Apocalypto*?

– Civilização é um cu, né?

– Adoro o final. Quando vi os aborígenes bestificados à beira-mar, já sabia: “É a Europa! É a Europa!”. Arrepiei todo com as embarcações. A Igreja, meu Deus... Eu não parava de gritar: “Vocês vão se foder, seus safados. Vocês vão se foder!”. Esse filme é maravilhoso.

– Ah, obrigado por me contar o final – diz Oitilia, indignada.

– Só você e a Tibizildíssima viram, Ricardo.

– Desculpa, gente... eu não sabia.

– Tenho pavor da Igreja Católica – interrompe o mais quieto do grupo.

– Eu não consigo te entender. Viado e evangélico? Como que você frequenta um lugar onde pregam contra a sua condição?

– Pregam contra sexo antes do casamento, camisinha, divórcio... – explica o “viado evangélico”. – Se você avaliar os valores morais impostos por qualquer religião, todo mundo tem um rabo para ser puxado.

– Tá, e daí? Por que se meter nessa puxação de rabo?

– Não estou preocupado com o que os outros estão pensando. O que importa pra mim são os amigos, o violão, a paz de ter aceitado Jesus. – Com estas últimas palavras, o “viado evangélico” precisa ignorar reações agônicas de todos os participantes da conversa (é uma pena que ele não escute a minha). – Sei que não tem maldade no que eu sinto. As minhas contas serão acertadas só entre mim e Deus.

– Vocês já pararam para pensar na maior diferença entre o protestantismo e o catolicismo?

– Não – respondem alguns, em uníssono.

– O protestantismo inspira vida. A Igreja Católica inspira morte.

Ricardo levanta a sobrancelha direita e olha por cima do ombro com um sorriso de orgulho:

– É por isso que eu sou católica!

Henrique aparece. É o garoto do sonho erótico de Tibizildíssima mais uma vez no meio dos maconheiros héteros. Pelo que tenho notado, Ricardo se pergunta como alguém que irradia tanta sensibilidade pode dar trela a conversas tão imbecis.

– Antes de sair do armário eu fumava baseado com os héteros – diz Ricardo a Tibizildíssima. – Só futebol e um insinuando que o outro é *gay*, e o cara que é alvo da piadinha reagindo dizendo “Pô, véi, que isso, véi”. Ai que preguiça. Tudo o que eu queria era que eles ficassem caladinhos... Ninguém merece hétero.

– Há exceções, Rick. Eu sou hétero.

– Você é mulher.

– Ainda assim, não pode generalizar – argumenta Tibizildíssima. – Existem homens héteros que são muito bacanas. Nós conhecemos alguns.

– Eu sei.

Tibizildíssima volta para a conversa do grupo. Pararam de falar de cinema para discutir outros assuntos:

– Vocês ficaram sabendo da treta da CEMIG, o movimento pela redução das tarifas?

– Não.

– Mas você viu a propaganda da isenção do imposto estadual que beneficia famílias de baixa renda?

– Ah, essa eu vi.

– Claro que você viu. No final dá vontade de abraçar a CEMIG.

– Por falar nisso, tivemos a notícia do governo federal para amenizar a sacanagem dos cartões corporativos. Agora ocupamos a posição de credor externo.

– Não há ponto sem nó, né, gente? Vamos combinar...

Ricardo não consegue se ligar na discussão. Seus olhos estão fixos em Henrique.

– Ele está alheio à conversa dos héteros. Parece tão melancólico...

– O que você disse? – pergunta Tibizildíssima.

– Nada... Eu estava pensando alto.

– Rick, essa de conversar sozinho te faz parecer um doido.

– Preciso parar com isso.

– Não brinca com fogo, Tibizildíssima – alerta eu. – Não brinca...

Hora de ir embora. Ricardo está no ônibus, sentado à janela da única poltrona dupla com lugar vago. Levanta os olhos de *O terceiro travesseiro* e topa com o corpo alto, forte, preparando-se para ocupar o espaço ao seu lado. É Henrique. O corpo alto, forte... tira a mochila das costas, passando-a para o colo enquanto senta. Quanto mais se move, mais exala testosterona.

Ricardo volta para a leitura. O coração dispara no peito. A respiração fica forte. Não dá para se concentrar no romance de Marcus e Renato.

Empurro a perna de Henrique. Ao senti-la, Ricardo tem uma explosão de excitação. Ele cerra os olhos, entra em transe. As pernas se alisam sem que Henrique, que escutou o meu sopro de ninar, perceba. De olhos fechados, Ricardo acredita estar sendo bolinado.

Estalo os dedos. Henrique acorda em um rompante. Ele se levanta, dá o sinal. Ricardo também se encaminha para descer do ônibus. Confuso sobre estabelecer contato, fica de espreita.

Henrique toca o interfone da casa de Alice. Ricardo passa direto. O sorriso na cara precede a revelação de seu pensamento:

– Estou completamente apaixonado.

## IX

Sala de aula lotada. De acordo com o grupo com cara de pobre que dominou as carteiras da frente, isso só acontece nos dias de prova.

Alice e Hemengarda conversam no fundo:

– Alice, você encontrou a tesoura?

– Revirei o quarto, a casa... Tem certeza que você esqueceu lá?

– Só pode ter sido... Sofro sem ela. É a minha única fio navalha... Olha o corte. – Hemengarda exhibe a cicatriz na mão. – Isso foi procurando o batom na bolsa.

– Que horror...

A professora de Estética entra na sala. Hemengarda rememora:

– Cuidado na hora de trocar as provas, hein, Alice.

A professora dá boa noite, repete o “boa noite”. Então faz cara de quem não suporta a algazarra:

– Aplicar prova pra vocês é pior do que sexo anal!

A comparação absurda é ovacionada. Alice revira os olhos suspirando de tédio. O tema parece lhe perseguir...

Teleporto para o quarto de Ricardo. Dou de cara com Rofetus, que parecia de tocaia à minha espera.

– MALDITO VIRA-LATA! – grito eu enquanto recuo do arranhão.

Rofetus me olha com o corpo paralizado em forma de arco. Arrepiado de tanto ódio, mostra os dentes afiados. Felinos são uma praga porque têm acesso às diversas dimensões.

– Pára com isso, Rofetus! – ordena Ricardo, levantando-se da cadeira giratória para expulsar o bichano. – Gato doido!

Sorriso vitorioso com a saída apressada de Rofetus.

– Obrigado, Rick – agradeço eu. – Deixa eu ver se você está no caminho certo.

Chego perto, na frente do computador. O buscador do Orkut marca “Henrique Young Faggiani”.

– Finalmente descobriu o sobrenome – comemoro eu. – Clica logo na lupa!

Acompanhei a obsessão desse meu fantoche durante os últimos dias. Para vocês terem uma idéia, a ameaça de topar com a paixão recém-descoberta mudou a forma como passava em frente à casa de Alice. Qualquer portão abrindo o deixava desatinado...

O *profile* de Henrique aparece. Posso ouvir a aceleração dos batimentos cardíacos de Ricardo. Costumam descrever esse revertério com a expressão “o coração saiu pela boca”.

Fico espreitando-o fuçar comunidades, comemorar, suspirar, analisar os amigos...

– COMUNIDADE DA MADONNA! (...) Ele gosta de Amelie Poulain... (...) Detesto essas pessoas.

O exercício oscila com a análise incansável das cinco fotos no álbum. Ver Henrique ao lado de Alice dói. É um estalo de inveja, como se puxassem as duas pontas da fita enlaçada no peito.

Ricardo repara o endereço de *e-mail*: *faggiani@...*

– Nada de perder tempo enviando *e-mail* para ele, Rick – ordeno eu.

Não deixá-lo seguir esse caminho é uma batalha penosa. Por mais que ele crie uma conta anônima, não é esse o meu objetivo.

Dou um jeito de guiar Ricardo para o site que hospeda a conta de Henrique. Ele entra. No campo de acesso, digita *faggiani@...*

– O que estou fazendo aqui? Não tenho a senha, não vou invadir o *e-mail* dele...

Estalo os dedos para Ricardo clicar em “Dica de senha”. Ele clica... “Dica de senha: birth day”.

– NÃO ACREDITO! – grita Ricardo. – Que fácil! É algum dia de outubro, está no Orkut! Ele é de escorpião... É no final de outubro!

Ricardo volta ao Orkut, vê a data: 26 de outubro.

– Meu Deus, será que invado o *e-mail* dele? Será que violo a intimidade do Henrique?

A tremedeira é natural quando Ricardo está prestes a praticar atos desonestos. Deve amargar um aperto no estômago...

Ele digita 2... 6... 1... 0... “Enter”... Senha inválida.

Clica em “Voltar”. A tremedeira continua. A próxima tentativa acontece com o acréscimo do ano, 2... 6... 1... 0... 8... 3...

– Não aparento ser mais velho do que ele... Meu Deus, está entrando... ENTROU! ENTROU!

O desejo de Ricardo é encontrar algum indício de homossexualidade. Com muito cuidado, ele vai abrindo as mensagens lidas, uma a uma. Nada interessante. Há a mensagem de Alice ainda não acessada...

– Clica sobre ela – estímulo eu em sussurro.

– Vou abrir... Copio rápido, mando para a lixeira, delete de vez... Depois colo no Word e leio... Vai parecer que nunca chegou.

– ISSO!

Quando Ricardo cola a mensagem no Word, topa com o modo como Alice chama Henrique: “Quadrado”. As duas pontas da fita são puxadas com tanta força que é preciso fechar os olhos para respirar.

*Quadrado,*

*Como tenho dificuldade de falar sobre o assunto pessoalmente, estou enviando este e-mail. Não nasci para ser sodomizada. Aliás, ninguém nasceu. Dar por trás é uma tortura. Acho que dali só deve sair, nunca entrar. Não falei nada na época, mas aquela única vez foi horrível, senti as fincadas de dor subirem até a altura do peito. Suportei até o final porque você queria muito. Sem contar que ainda rola uma sensação tenebrosa de “estou cagando”. Quando acabou, você tirou e deu aquele barulho... Eu tava tão preocupada, achando que seu pinto sairia todo sujo, que até pensei “Pronto, fechei com chave de ouro!”. Ninguém merece. Antes de ficar frustrado, quero que você se coloque no meu lugar.*

*Um beijo da sua quadrada,*

*Alice.*

*Links* para fotos de cus doentes estão anexos ao *e-mail*. Ricardo fica cada vez mais pasmo.

– Missão cumprida – então.

Teleporto de volta para a sala de aula de Alice. Estão todos fazendo a prova. Hemengarda é cutucada por trás. De rabo de olho, ela vê lhe esticarem uma folha de papel. Pega rápido o objeto e senta em cima.

Alice dispara a gargalhar. Hemengarda se vira para entender.

– Fodeu – admite Alice.

A professora de Estética está ao lado. A folha sobre o traseiro gordo é a lista de chamada.

## X

Meu contentamento: Alice está chateada com tudo. Principalmente com Henrique. Há influência do comentário maldoso de uma conhecida do casal: “Vi o Henrique sozinho esses dias. Antigamente vocês estavam sempre juntos”. De fato, no início Henrique era mais cúmplice. No início, também, Alice não vivia tantos conflitos internos. Desde que começou a entender a realidade do mundo, a tensão pré-menstrual tem se acentuado em dimensão e duração. As conversas melancólicas com o travesseiro se tornam cada vez mais freqüentes. Ontem ela escreveu o primeiro parágrafo de uma carta de suicídio. Para mim, o ato seria bastante conveniente, uma vez que eu atingiria o grande objetivo desta obra sem tanto esforço. Mas Alice não chegaria a tal ponto. Ela só precisava desabafar:

*É muito difícil viver dentro deste corpo, alheia aos outros, sozinha em ideais destruídos. Estou partindo na esperança de me libertar. Das duas, uma: ou me somo a todas as coisas, no infinito, ou caio num sono eterno sem sonho. Duas possibilidades incríveis que me encheriam de alívio.*

13

---

Agora, sentada com Henrique à mesa de bar, estraga tudo com seu mau humor. Ele tenta animar o clima, mas nem as brincadeiras idiotas surtem efeito.

A minha protagonista decidiu que faria o namorado experimentar o mesmo sentimento ruim. Não há uma consciência muito forte dessa insensatez. Um dia, talvez, ela se canse de transformar duas pessoas em uno.

De outra mesa, Ricardo percebe a tensão entre os dois. Alice se levanta aos gritos:

– VAI PRO INFERNO, HENRIQUE!

Henrique desce os olhos para o copo de cerveja. Bêbado, parece sentir uma vertigem.

– Pára de *show*, Alice – pede, irritado.

– Paro, paro sim. – Ela pega a bolsa. – Estou indo embora.

Levanta e sai.

Ricardo sorri. Comemora por dentro. Alice realmente vai embora. Henrique se levanta para ir ao banheiro.

– Será que eu vou atrás? – Ricardo se pergunta.

– Você não teria coragem – desafia Tibizildíssima.

Ricardo resolve ter. Ele entra no banheiro. Vê Henrique sair de um dos mictórios ainda levantando o zíper da calça. Os olhares se desviam bruscamente após uma encarada certa.

Henrique dispara a torneira do outro lado do ambiente, lava as mãos. Pelo reflexo no espelho, Ricardo mija naquela posição viril, com as pernas meio abertas. A camisa que desenha o vão das costas paira no início do traseiro.

– Eu dou pra você o que a sua namorada não quer te dar.

No instante em que a palavra “dar” é concluída, a água pára de jorrar na pia. Silêncio. A frase, solta por Ricardo sem transmitir a impressão do nervosismo medonho, saiu quase escandida, de tão bem articulada. Ele continua de costas, incerto do arrependimento. Ouve passos se aproximando sobre o silêncio, eco dos passos se aproximando sobre o silêncio.

O solavanco do susto é contido por uma chave de pescoço. Pisco e perco o instante em que Ricardo é erguido e empurrado para dentro da cabine do canto. Ele tenta se virar, mas Henrique não deixa. Pressiona o corpo do garoto contra a parede, desviando da possibilidade de beijo. Arranca as calças dele. Desce depressa as próprias calças. Encaixa & entra com tudo & geme como um animal.

Ricardo respira tenso sob os urros sussurrados. Deseja que as estocadas não se prolonguem, que o desgraçado goze rápido. Vê um dos próprios esporros bater no azulejo encardido, escorrendo com os outros. Não sentiu nada.

Antes de terminar qualquer raciocínio, observa Henrique sair de relance, a fivela do cinto batendo no botão metálico do cós, a calça ainda sendo erguida. *Que ele saia logo, não faz mais diferença*, dá para ler pelo olhar.

Reinstaurado o silêncio, Ricardo se recompõe sem pressa. Depois usa a pia para lavar o rosto. Sente nojo do reflexo no espelho, da água que escorre pelo pescoço.

– Quero desaparecer – diz a si mesmo.

Ele ouve os próprios passos sobre o silêncio, o eco dos próprios passos sobre o silêncio. Fechando a porta por fora, não atina para o disparo de descarga vindo da cabine do meio. Depois que absorver todos esses sentimentos, vai se perguntar se o barulho aconteceu mesmo ou não.

A pessoa que deu a descarga está horrorizada com a treta, ainda com o olhar fixo para a palavra impressa na porcelana imunda do vaso sanitário: Celite.

Felipe também mantém o olhar fixo na marca. Outra privada, outra merda, outro país: a mesma coisa. Um êxtase profundo pela emoção de estar na Amerika. Assim que pegar o diário de viagem dele transcrevo o que aconteceu.

## XI

Ricardo não sai de casa há dois dias, nem para ir à aula. No começo dessa crise tomou alguns banhos, e arranhava o corpo sob o chuveiro como se quisesse desfazer a própria pele. Cansei de ficar aqui ao lado dele, tentando inutilmente que se levante da posição fetal. Vou de uma vez pegar o diário de viagem do Felipe, que se prepara para voltar de Buenos Aires. Antes de transcrever qualquer coisa, confesso: roubei-lhe o estilo de escrita. Prefiro ver você saber por mim a descobrir por si mesmo e achar que sou um cara que inveja a obra dos outros.

*Parece que está acontecendo agora, neste exato momento, tamanha é a minha capacidade de lembrança. Acabo de tomar banho no banheiro comunitário do albergue, coloco a bata branca. Fico me admirando no espelho consciente de que a produção me fará mais corajoso. Saio do quarto exalando meu Black Cold, passo pela sala de televisão. Lá vejo um grupo de estrangeiros. Deixo de ir encontrar minha amiga Guinevere no bar, no piso de baixo, para escornar ali como quem não quer nada.*

*Sento no sofá de olho num programa das gêmeas Olsen. Elas foram dubladas com esse espanhol estranho, onde Y tem som de X. É tão horrível que agradeço a Deus quando sou abordado pelo italiano. Ele é alto, de olhos verdes, cabeça raspada. Tem tatuagens coloridas que cobrem os braços. Entendo que perguntou de onde sou.*

– Soy brasileño – digo.

– Marcello. – Ele se apresenta esticando a mão para me cumprimentar.

Martchelo, repito mentalmente.

*No meio da conversa atrapalhada e das risadas, descubro que eles vão a um bairro de casinhas coloridas. O assunto se esgota e desço para falar com Guinevere.*

– O que você acha de sairmos com algumas pessoas que estão hospedadas aqui?

O rosto dela se ilumina:

– Quem?

– Com um grupo de estrangeiros que eu conheci na sala de televisão.

– Eu acho ótimo!

*O italiano aparece no bar. Antes que eu me convide ele propõe em um português ensaiado:*

– Vamos com a gente?

– Vamos.

*Apresento Guinevere. Os estrangeiros dizem os próprios nomes e de onde vêm. Daniel é da Alemanha, Frank é da Espanha e Maria é do País Basco. Tanya é inglesa e, coitada, não fala nada em outras línguas. Conheceram-se todos ontem, enquanto tomavam café da manhã.*

*Dentro do ônibus descubro que ninguém tem moedas suficientes para pagar as passagens. Guinevere invade o corredor entre os assentos, pede aos passageiros argentinos que nos dêem moedas pelas nossas notas. É um momento excitante, a Babel dos risos.*

*Ao chegar ao bairro de casinhas coloridas, caminhamos deslumbrados entre mesas de bar e apresentações de tango. Martchelo tira fotos do lugar, do grupo, de mim.*

– Mira – pede ele.

*Eu me vejo solo na tela da máquina digital, sorrio. Martchelo dá o primeiro sinal:*

– Muy guapo.

*A partir daí, não sou mais o mesmo. Fico agitado, conversado, ando pra lá e pra cá com uma desenvoltura fora do normal. Guinevere percebe:*

– Dança do acasalamento?

– O quê? – questiono eu, completamente sem graça.

*Do bairro de casinhas coloridas pegamos outro ônibus, desta vez para um show de rock em praça pública. Chegamos e a maior parte da multidão está sentada no gramado imenso de frente para o palco. Permanecemos de pé, o italiano circulando para conversar com um e outro do nosso grupo como pretexto para discretamente alisar os dedos da minha mão. Eu aproveito e aperto a mão dele. Trocamos olhares e sorrimos.*

*Depois de nos sentarmos sobre a grama, eu encosto os meus joelhos nos joelhos dele, conversamos. Há dificuldade de fazê-lo entender a palavra “conejo”. Quando enfim entende, fica encantado porque até então não tinha atinado para o desenho na lua. Maria tenta ver, mas a miopia impede. Pego o bloquinho onde anotei os e-mails e pressiono a ponta da caneta contra uma folha de papel. Peço a ela que olhe pelo furo.*

*Apesar de a princípio ficar meio desentendida, de súbito se deslumbra com a possibilidade de desembaçar a lua, as estrelas e o grupo de rock no palco.*

*Voltamos ao albergue e o italiano me puxa para o quarto triplo que divide com duas holandesas. Ainda bem que está vazio, comemoro. Sou empurrado contra a parede, beijado. Se é que posso chamar de beijo uma língua frenética prum lado e pro outro como um turbinado limpador de pára-brisa. Fico chateado, penso Que droga, estava tudo tão mágico!, mas evito maiores frustrações dando um perdido depois do gozo. A noite é uma criança quando eu e Guinevere saímos sozinhos.*

*Não é por acaso que Guinevere tem “never” no meio do nome. Logo quando nos conhecemos, ela me surpreendeu dizendo que nunca fez nem nunca fará sexo consigo mesma. Desde então, as negações eternas têm sido constantes.*

*Enquanto estávamos no avião, vindo para a Argentina, ela alegava nunca começar a leitura de um livro sem a obrigação de ir até o final. Tive que suportá-la praguejando a linguagem complicada de Guimarães Rosa durante três horas e meia de viagem. Nem o spray desinfetante que borrifaram nas nossas cabeças por exigência do governo prateado me irritou tanto.*

*Mas o maior de todos os “nuncas” de Guinevere pertence à decisão de jamais ingerir substâncias alcoólicas. “Eu não bebo”, diz ela às bocas de garrafa que vivem se insinuando ao copo vazio em sua mão. O motivo? Minha amiga perde o controle. Se estiver bêbada, emergem sabe-se lá de onde todos os tipos de personalidades.*

*Ao passo que ainda não atingi o estágio amnésico, rio para ela. Rio porque minha pele mulata enlouquece os argentinos. Rio porque o LSD subiu ao cérebro. Rio porque el boliche Amerika é open bar. Rio, principalmente, porque o barman gostoso me deu sinal de preferência.*

*– Dois Electric Lemons – peça.*

*Rio...*

*– Por que você está rindo? – pergunta Guinevere, um pouco distante. É quase inaudível na boate insana.*

*– Vem cá – chamo eu, gesticulando como um lutador que desafia o adversário.*

*Ela vem até a mim.*

*Pisco para o gostosão me entrando as bebidas. Passo uma à Guinevere.*

*– Hoje é a noite da Helena.*

*– Eu não posso...*

*– Só um copo.*

*– Então só esse copo.*

*– Um brinde. – Tintim e proclamo: – À Helena.*

*A partir daí, perco o controle. As memórias passam a ser flashes de um passado distante: eu e Guinevere, então Helena, divulgando segredos num espanhol desinibido, ambos no palco, no meio da apresentação das travestis, ambos rindo porque la Lucas se joga no bate-cabelo, ambos vendo o amanhecer dentro de um táxi para o apartamento do barman. Não sei do hall, não sei se tinha elevador. Quando dei por mim, Helena estava nua na sala, prestes a experimentar uma roupa vulgar que encontrou estirada no sofá. Pertencia à prostituta que também morava naquele apartamento, custamos para entender. Depois eu baixava os olhos do teto azul de outro ambiente, dava uma surra de pinto na cara do barman. O corte brusco levou à cena seguinte, onde eu lhe puxava os cabelos como as rédeas de um potro. O escapulário, deitado na cova que desce da nuca, aprontava para o triângulo de pêlos acima da bunda. O lombo macio se debatia no meu colo em vaivéns frenéticos. A visão tornava a junção dos corpos ainda mais excitante.*

*Meu abraço protegia o corpo dele quando acordamos com os gritos:*

– *EU NÃO PRECISO FICAR AQUI* nessa... nessa... *NESSA POCILGA!* – gritava Helena, quebrando tudo.

*Se a prostituta soubesse que Helena costuma ficar presa numa jaula, teria pensado duas vezes antes de reclamar a roupa do show usurpada.*

– *ESSA ROUPA É MINHA!* – insistiu Helena, pendulando olhares em direção à prostituta e na minha aparição. – *VAMOS EMBORA DAQUI!*

*Fomos embora às pressas, escutando xingamentos inatendíveis da prostituta e do barman. Helena remexia os ombros entre risadas histéricas enquanto descia as escadas:*

– *PÕE UM MAMBO AÍ, POXA!... UM MAMBO!... UM MAMBO BEM CALIENTE, BEM FRENÉTICO!*

*Achei melhor não pensar no esquecimento do cinto.*

*Durante a volta, ela caminhava puta pelas calçadas estreitas da cidade, ainda com aquela roupa vulgar, a mancha preta do rímel escorrendo até as bochechas, o haxixe monopolizado na mão trêmula...*

– *Eu quero fumar sozinha.*

*Por fim ela puta no quarto do albergue, bem puta:*

– *Quer me comer?*

*Não lembro se comi. Ah, meu pau esfolado! Só a ameaça de ereção já incomoda. Será que além de ter gozado com o italiano limpador de pára-brisa e enrubar o barman... Argh, será que ainda comi a Guinevere? Talvez o gato do Zimbabue, que estava dormindo numa das oito camas do nosso quarto, tenha sido voyeur. Argh, não quero saber. Só sei que comemorei à beça ver Helena sair da jaula.*

## XII

Alice acaba de perguntar:

– Por que você não diz nada a respeito das pinturas que eu faço?

O tom exaltado deixa Henrique perplexo. Ele está atônito para os quadros, sem saber o que dizer.

– Você já reparou que eles mudam de cor? – prossegue Alice. – Vem cá.

Ela puxa Henrique pelo braço, “Viu?”. Depois empurra, “Tá vendo?”.

– Eu já tinha visto.

– Então por que não comentou “Nossa, desse lado eu vejo vermelho, do outro eu vejo azul”?

– Eu digo todo dia pra você terminar logo, que você precisa expor...

– Isso não é incentivo, Henrique. Isso é pressão. – Alice direciona o olhar para a tela com o pato sobre o lago de superfície negra. – Você nunca falou nada do pato!

Henrique fica calado, visivelmente puto. Leva menos de um minuto para decidir pegar a mochila e ir embora. Alice não se manifesta, parece não se importar.

Sigo ao lado de Henrique enquanto saímos da casa. Ele inicia um choro silencioso. Quando senta no meio-fio, depois de fechar o portão e largar a mochila, deixa surgir o primeiro de muitos soluços.

Que bom que enfim consegui tirar o Ricardo daquele estado lastimável. Ele trouxe bastante nicotina, exatamente como eu queria. Fumou um pacote inteiro de cigarros e precisou sair de casa para comprar outro maço. Agora está prestes a passar por aqui para presenciar esta cena.

– O que aconteceu? – pergunta ele ao chegar.

Henrique seca o rosto, tenta esconder.

– Não é nada – diz.

– Como não é nada?  
– Não é nada, eu já disse. Estou querendo ficar sozinho.  
– Tudo bem... Não quer nem fumar um baseado para relaxar?  
– Você tem?  
– Tenho lá em casa. Vem comigo.  
– Não. Melhor não.  
– Vem comigo. Lá em casa a gente fuma “um”, você sai desse estado...  
Henrique hesita um pouco, mas se levanta colocando a mochila nas costas. É o movimento que exala testosterona.  
– Tudo bem, vamos.

## XIII

– Eu não consigo entender...  
– O quê?  
– Por que você está sendo legal comigo?  
– Você ainda não percebeu?  
– Eu pensei que depois daquilo... Desculpa... Eu... perdi o controle.  
– Esquece. Eu já esqueci. – Ricardo pensa um instante, tenho certeza que não esqueceu. – Onde foi que você arrumou essa cicatriz?

Henrique leva o indicador à testa, confere.

– Fica desse lado? – pergunta ele.  
– Você não sabe onde fica a sua cicatriz?  
– Eu acho que fica aqui.

Ricardo confirma. Em seguida insiste na pergunta:

– Onde você arrumou?  
– Você já viu um elevador de automóvel?  
– Acho que sim.  
– Eu subi, abri o guarda-chuva e pulei.

Ricardo arregala os olhos e ao mesmo tempo cai na gargalhada:

– Tipo Mary Poppins?  
– Tipo.

As gargalhadas de Ricardo incitam Henrique a soltar um riso breve, solítico.

– Você faz Educação Física, não é? – pergunta Ricardo.  
– Faço. Você anda com o pessoal de Publicidade.  
– É, Ricardo, ele repara em você – comento eu, brincando com o fecho do Rolex

que levo no pulso.

Esse esboço de satisfação no rosto de Ricardo surgiu antes mesmo do meu comentário.

– Mostra a propaganda pra ele – sugiro eu.  
– Quer ver a propaganda mais linda do mundo? – atende o meu fantoche.

Antes de concluir a pergunta, Ricardo já está abrindo o arquivo no computador. Deixo o *link* para que você também possa assistir ao vídeo: <http://www.youtube.com/watch?v=kLND62NtBoc>.

O vídeo chega ao fim. Henrique está escondendo os olhos marejados. Ricardo percebe e se aproxima:

– O que foi?  
– Essa propaganda é linda.

Ricardo seca-lhe o rosto com o polegar. Henrique fica calado, complacente. A mão atrevida permanece no toque. Sobe para a cicatriz na testa, alisa os cabelos. Passa

pela orelha até chegar à nuca, provocando a aproximação dos lábios. O beijo acontece, calmo e ardente. Eles se deitam na cama, vão pouco a pouco tirando as roupas.

Henrique apóia as extremidades do próprio tronco sobre as pernas erguidas de Ricardo, segura-lhe os tornozelos. Depois desce as mãos alisando os pêlos dourados até as coxas. Ricardo arrepia, olha Henrique nos olhos. Olha e sorri e vê o sorriso ser retribuído como não acontecia mais com o ex. Sorri porque não há o constrangimento da falta de confiança. Sorri porque acha sublime ter o objeto da paixão dentro de si.

Com os joelhos apoiados na cama após jogar a camisinha fora, Henrique quase senta sobre a barriga de Ricardo. Um de frente para o outro, os dois estão no cinco-contra-um que os aproxima da pequena morte. De repente o líquido quente de Henrique jorra sobre o tórax helênico de Ricardo, que chega ao deleite no mesmo instante. Caso eles mantivessem os olhos abertos, talvez por um milésimo de segundo conseguissem me ver.

– Ixe! – proclamo eu, observando os esporros irem contra o traseiro de Henrique.

O namorado da Alice se transforma, correndo para se limpar com a camisa mais próxima.

– Deita comigo – pede Ricardo.

– Não posso – argumenta Henrique, visivelmente incomodado. – Preciso ir embora.

É natural que o gozo transforme o humor das pessoas. No caso do Henrique, há o agravante dessa situação violar sua condição de macho.

– Mas já?

– Já.

É sempre assim: Ricardo, tão inocente, vai passar os próximos dias tentando entender a rejeição. Para ele é como não ser aprovado depois de uma entrevista de emprego – fica analisando cada possibilidade de desagrado, cada gesto, a composição de cada frase... Certeza mesmo, nenhuma.

Na casa vizinha, Alice pinta enquanto conversa consigo mesma:

– Mesmo inconscientemente eu continuo me declarando – percebe ela. – Será que de alguma forma você atina para a minha loucura? Quase já não sinto o seu perfume no ar. Tão distante de mim, tão distante...

– Eu estou aqui – digo.

Alice repete as minhas palavras quase em uníssono e prossegue:

– ...nessa paixão onanista. Quem é você, afinal? Sou capaz de ver o seu rosto refletido no azul e no vermelho dessa tinta reluzente... dessa tinta reluzente que você me ajudou a produzir... dessa tinta que é nossa, só nossa...

Alice dá dois passos para trás. Ninguém tem idéia do quanto eu estou feliz por enfim ver isto concluído. Ela dobra o pescoço contemplando melhor o resultado: o pato foi transformado em um lindo cisne azul.

## XIV

Henrique chega feliz. Chacoalha a chave de seu novo carro:

– Oi Quadrada!

Alice, indignada porque tinha se afeiçoado ao 147 que caía aos pedaços, exhibe um sorriso forçado.

– O carro novo é muito melhor, – admite ela. – mas eu gostava mais do outro.

– Não diz bobagem.

– Você dá importância demais pra essa coisa que chama de *meu carro*.

Henrique se faz de bobó ao perceber a ofensiva.

– Vamos dar uma volta? – sugere.

– Vamos.

Durante o passeio, Henrique vira o pescoço para ver as mulheres na rua. Alice, como sempre, não reage.

– Você nunca vai sentir ciúmes de mim? – questiona Henrique.

– Não.

– Você não me ama?

– Claro que eu amo.

– Então por que não tem ciúme?

– Quadrado, eu só vou reagir quando te pegar me traindo. Aí eu termino e pronto.

– Você é tão fria!

Henrique passa desacelerado por um dos bares da Savassi. Ele analisa as pessoas na calçada, percebe Ricardo acompanhado de duas mulheres em uma das mesas.

– Vamos nos sentar aqui?

– Vamos.

Ricardo confidencia a Tibizildíssima e Oitília:

– Foi horrível. Para ele, eu fui só um buraco. Nada mais que um buraco. Por isso não consegui ir à aula. Fiquei tão mal, mas tão mal... Chorei o suficiente para cobrir a cota do ano todo.

– Foi praticamente um estupro, Ricardo – comenta Oitília.

– Só não foi um estupro porque a expressão não pode ser usada pra homem – lembra Tibizildíssima, despreocupada em conter os risos.

– Depois do incidente no banheiro, voltamos a nos encontrar, – prossegue Ricardo. – ele chorando na porta da casa da Alice... Meu Deus, eles estão aqui.

– Eles quem?

– Ele e a namorada.

Os três tiram rápido os olhos do casal, evitando o descaramento. Enquanto isso, Felipe e Guinevere são buscados no aeroporto.

– Voltar para Belo Horizonte... – desdenha Felipe, debochado. – Essa brasileira horrorosa...

Constato que realmente chegaram, retorno ao bar.

– Por onde anda a Hemengarda? – pergunta Henrique à Alice.

– Foi pra *trance*.

Veza por outra Ricardo olha para a mesa deles. Henrique está de costas, Alice se levanta.

– Preciso chegar pro segundo horário, Quadrado – diz ela.

– Vou pedir a conta.

Antes de ir para casa, Felipe decide “matar a saudade” do Barro Preto. Ele, Guinevere e outros quatro circulam de carro pela putaria que acontece escondida atrás das bancas.

– Quanto é? – pergunta Felipe, abordando o garoto de programa na esquina.

– Seis pessoas? Cinquenta reais.

– Mas você dá conta de todo mundo?

– Eu como um, chupo outro, dou também...

– Uau.

Felipe fecha o vidro, arranca o carro.

– Não gostou da idéia? – questiona Guinevere.

– Cansei. Preciso de uma imundice nova.

– Quem sabe, se você desejar muito, eu não atendo o seu pedido? – vagueio eu.

Henrique deixou Alice na faculdade, agora está de volta à Savassi. Ele passa entre as mesas da calçada encarando Ricardo, entra no bar.

– Você vai atrás dele, não vai? – instiga Tibizildíssima. – Dessa vez eu nem duvido.

Felipe chega em casa. Está vazia. Ele entra acendendo as luzes, é guiado por mim em direção ao quarto de Alice...

– Você gosta mesmo de frango assado – constata Henrique. – Frango assado, franguinho assado...

– É saudável – concorda Ricardo.

A dupla ri. O prazer os deixou alheios ao resto do mundo. Se atinassem para a janela do quarto de Alice, na casa vizinha, notariam um contorno de pessoa atrás da cortina. É a silhueta de Felipe banhada pela luz da lua. Ele observa a sacanagem dos dois pela fresta estreita, desce o zíper da calça...

Não sou obrigado a ficar presenciando isso.

## XV

Os quatro compõem a mesa redonda da cozinha. Os copos de cerveja não param vazios.

**Felipe:** 20 de maio de 2008... Hoje é dia de Eliza Doolittle.

**Henrique:** Dia de quem?

**Felipe:** Isso com certeza não está no seu repertório. Mas esse frango...

Eles beliscam o frango assado no centro da mesa.

**Alice:** Ele foi defumado.

**Hemengarda:** A *trance* foi maravilhosa, gente. Vocês deviam ter ido. Foi a bala mais gostosa que eu tomei na vida. A música tocando, crescendo dentro de mim...

Com efeito, Hemengarda se divertiu. Enquanto dançava dominada pelo *ecstasy*, olhava para trás e percebia o homem sorrir para ela. Batia o pé no chão, de costas para ele, e aproximava-se sem deixar de olhar por cima do ombro, retribuindo o sorriso. Os dedos dos dois se encontraram depois que os corpos se esbarraram de propósito. O homem não resistiu e abraçou Hemengarda, ela ainda de costas na frente dele. Então o casal se beijou. Hemengarda se virou, ficou diante do homem, e aí, mais ainda, o casal se beijou. Sem pudor porque nada ao redor tinha importância. Ele sorriu de olhos fechados bem ali, os dentes brancos alinhados, os caninos salientes só de leve, a menos de um palmo de distância dos olhos que ela mantinha vidrados. Hemengarda também sorriu, fechou os olhos e o beijo continuou se misturando com o prazer da música. Não havia tempo, nem espaço. Tudo crescia, crescia, crescia até explodir. E começar de novo, sucessivas vezes no infinito.

**Henrique:** Vou ao banheiro.

**Hemengarda:** Depois da primeira vez, fodeu, não é Henrique?

**Felipe:** O caminho da esquerda não tem volta.

**Alice:** Que droga é essa que você usou?

**Felipe:** Nenhuma. Também vou ao banheiro.

Henrique abre a porta do banheiro e sai. Felipe o puxa pelo braço:

– Espera aí.

– O que foi?

– Eu sei de tudo.

– Hã?

– Eu vi pela janela. Vocês gostam de correr perigo, não gostam?

Henrique tenta se desvencilhar:

– Eu não sei do que você está falando.  
Felipe aperta o braço de Henrique com mais força.  
– Ou eu faço com você o que você tem feito com o Ricardo, ou a Alice vai ficar sabendo.

A reação é instantânea: Henrique empurra o “cunhado” contra a parede. Felipe tem o pescoço envolvido, quase esganado. Ele ignora o dedo sendo apontado na cara, olha Henrique direto nos olhos.

– Eu te mato, seu desgraçado – escuta Felipe, prazeroso porque a raiva o estimula.

O sufocamento não lhe impede as risadas:

– Você não tem escolha. Eu vou te comer.

Henrique joga Felipe pro lado e sai.

Felipe volta para a cozinha e topa com Henrique abraçando Alice por trás. É como se tentasse protegê-la. Os olhos assustados não negam.

**Felipe (segurando a bunda do frango):** Mas esse franguinho assado... Ninguém gosta da cloaca? Eu adoro a cloaca.

## XVI

– Você não me avisou que vinha.

– Ricardo... eu quero dar pra você – diz Henrique, impudente.

– O quê?

– Você ouviu.

– Dar o quê?

– Não se faz de bobo.

Henrique começa a desabotoar a calça de Ricardo.

– Ah, não, Rick. Não vai rolar. Tira a mão da minha calça!

– Por quê?

– Eu não gosto.

– Você já tentou?

– Não.

– Deixa de ser frouxo, Rick. – Ricardo e Henrique haviam passado a se chamar de “Rick”, “Rick Rick”. – Vem cá que você vai me comer.

Os dois iniciam uma “luta” em cima da cama. Ricardo, entre “nãos” e “páras” contra a possibilidade de ter a calça arrancada, usa as pernas para expulsar Henrique dos limites do “tatame”. A queda faz o namorado da Alice voltar ainda mais forte, como se dissesse “Ah é? Então você vai ver!”. Ele culmina deixando Ricardo imobilizado pelas cócegas.

– Rick, você está de calcinha?

Ricardo fica constrangido. Calcinha rendada, fio-dental enfiado entre as nádegas...

– Rick, você está de calcinha! – continua Henrique.

Ricardo custa a perceber o fascínio de Henrique:

– Você gostou? – questiona, incrédulo.

– Se eu gostei? Eu adorei!

Henrique balança o membro mole para fora da minúscula peça íntima:

– É muito grande, Rick. Não cabe!

Ricardo gargalha da voz idiota de Henrique.

– Agora vem que você vai me comer.

– Ah, não.

- Vem que você vai comer um macho de verdade.
  - Não, a barata não!
  - Que barata, seu doido?
  - A barata não, a barata não!
  - Bota a camisinha que você vai comer o seu macho.
  - “Seu macho”! – reparo eu. – Que exercício psicológico interessante...
- Ricardo acabou gostando.  
Enrique ainda faria mais.

## XVII

- Pai, posso pedir uma coisa?
  - Não sendo permissão para ler *Cristiane F.*, tudo bem.
- O pai de Alice fazia uma alusão jocosa à preocupação da esposa durante a adolescência da filha.
- Não, nada de literatura proibida.
  - Então?
- Ela estica a palma da mão:
- Volta a dar mesada?
  - Você não acha que está bem crescida pra isso?
  - É por isso que eu te amo, sabia?
  - Quer ir comigo ao Mineirão?
  - Não posso. O jogo termina tarde e eu preciso acordar cedo pra ir pro estágio.
- Esqueceu que eu não vivo mais de mesada?

Alice dorme. Introduzo nela um pesadelo com *hijras*. Os castrados indianos ameaçam mostrar o corte, batem palmas.

Destranco a porta do quarto do Felipe, giro a maçaneta e clique, ele e o parceiro nem percebem. O som de sexo sai dali e passa pelo corredor, coincide com as palmas das *hijras*. Alice acorda. A minha protagonista se levanta meio zozona. As pantufas em formato de sapo seguem sobre a passadeira. Vou escancarando a porta do quarto do Felipe a medida que ela se aproxima.

Alice pára antes de entrar, encara a cena: Henrique está de quatro, Mário subvertido atrás do armário, Felipe enrabando. Empurro-a para trás, contra o oratório, lugar onde estrategicamente deixei a tesoura. Ela se apóia bem em cima do objeto, ainda com o olhar fixo na cena. A visão, manchada pelo pesadelo com *hijras*, deve ser caleidoscópica: ora os castrados indianos batem palmas, ameaçando mostrar o corte, ora há uma convergência nublando onírico e real, ora o colo do irmão espalma os quadris de quem não devia. Mancharam a minha reputação propagando que tenho apreço por este tipo de ato. Como eu gosto... Hunf! Parecem dois animais!

Os olhos da minha protagonista ficam cada vez mais arregalados para o pornô protagonizado por Felipe e Henrique. As *hijras* aceleram o batimento das palmas. Sobe o tom dos gemidos sexuais. Os castrados indianos ficam mais agressivos na ameaça de mostrar o corte.

- O corte. Eu quero ver o corte – peço eu em sussurro.

Alice treme a palma da mão sobre algo gélido, metálico. É a tesoura fio navalha...

– Olha, você por aqui! – surpreende-se Alice, como se a tesoura não fosse inanimada.

Não contendo a ira:

– O quê? Você vai bancar a doida? Vai fingir que não atinou para a dupla traição?

Alice retorna para o próprio quarto aos gorjeios, estupidamente tranqüila. Coloca a tesoura de volta no criado-mudo. Pega os pincéis e posiciona-se diante das telas.

– Ah, você quer pintar? – questiono eu. – Você vai pintar, e não haverá remédio no mundo capaz de te deixar dormir. Sabe como nós chamamos isso? Sabe? A Insônia Eterna... – Ensaio uma gargalhada. – Só a ameaça deixava Mário Quintana impressionado.

Hemengarda sai do Mineirão disposta a se divertir provocando os outros. Ela pára com o carro próxima a torcedores com a camisa azul:

– CRUZEIRENSE É TUDO VIADO! BANDO DE CRUZEIRENSEZINHO VIADO!

Os caras avançam em direção ao capô, começam a socar. Hemengarda arranca o veículo, quase os atropela:

– SEUS VIADOS!

Tenho medo da Hemengarda. É uma desequilibrada!

## SEGUNDA PARTE

*Aí estava a maldição da humanidade: esses feixes incongruentes atados uns aos outros – esses gêmeos antagônicos continuamente em luta no útero mortificado da consciência.*

RL Stevenson em  
*O médico e o monstro*

### XVIII

Logo após amaldiçoar Alice, retorno ao quarto do bacanal para fechar a porta com toda força. É assim que esvazio o meu tanque de raiva: bato as portas e coloco a culpa no vento.

Num átimo, Felipe e Henrique direcionam a frente para o estrondo. O susto é broxante.

– A porta estava aberta? – escuto um dos dois questionar.

– Meu Deus, alguém viu a gente?

– Não, eu acho que não.

Eles se vestem. Felipe pára na porta do quarto de Alice:

– Alice? Tudo bem?

Ela não responde.

– Alice? – insiste Felipe.

A pintora não tira os olhos da obra para responder:

– Tudo, Felipe. Não atrapalhada a minha linha de raciocínio.

– Você não acha que está um pouco tarde pra ficar pintando?

Alice, pra lá de aérea, direciona o olhar para o irmão. Ela respira fundo, parece custar para entender a advertência.

– Inspiração não tem hora.

Se essa garota fosse uma pessoa comum, diria que ela não pegou os dois no flagra. Será mesmo que jogou no subconsciente?

Henrique aproveita a cobertura e passa para a saída. Felipe o segue:

– Dando duro para se livrar de mim, hein?

– Abre logo essa porta, Felipe – sussurra Henrique.

– Da próxima vez, tenta não ficar tão contraído, o.k.?

– Não vai haver próxima vez.

– Ei, eu não ganho um beijo de despedida?

– Pro inferno!

Paro ao lado de Alice. Quanto mais informações do subconsciente voltarem à superfície, melhor para a Insônia Eterna. Incentivado pelo que vejo na pintura, meus sussurros são palavras-chaves que por certo vão gerando *links*.

A primeira lembrança, vejo nítida no que ela acaba de esboçar na tela, é a festa de três anos de idade. Entre os diversos ciclistas no cenário cheio de árvores, contrapondo o apocalipse motorizado visto do lado oposto, há a silhueta da criança pedalando uma bicicleta de rodinhas. A pequenina tem a mão quase toda enfiada na boca. Exatamente como a própria Alice vinte anos antes.

Tema da festa: *Thundercats*. Felipe, um garotinho que contava a idade com todos os dedos de uma mão, apareceu fantasiado de Cheetara. Ele passou com aquele *collant* por entre as mesas como se desfilasse numa longa passarela. Travinha experta, já sabia incubar a mala. Tinha desenvoltura ao se jogar no bate-cabelo. Piscava os gigantescos cílios artificiais dentro da maquiagem em forma de borboleta e arranhava o ar do próprio entorno desmunhecando as mãos de unhas postiças. Apressou-se em colocar o disco. Os que ainda não haviam atinado para a pequena *drag* se assustaram com a altura do som. Felipe travestido com a fantasia felídea dançava rodopiando um bastão. Dublava *Girls just wanna have fun*.

– Mas o que significa isso? – questionou a mãe dele.

Então, logo em seguida, a irmã mais nova apareceu só de calcinha. A mãozinha de Alice estava quase toda enfiada na boca, o rosto todo sujo de lágrimas.

– Ele roubou a minha fantasia, destruiu a minha festa... – diz Alice, antes mesmo que eu precise concluir os sussurros. – Hunf!

Esse “Hunf!” dela é um meio riso, logo se transforma num sorriso constante. Ah, se soubesse que daqui a pouco vai estar desesperada com a turbulência de tantas lembranças...

## XIX

Alice combinou com Henrique de assistirem juntos ao último episódio de *Orbis Tertius*. Ela até desmarcou com Hemengarda, com quem tem mais afinidade a respeito da série, para ter um momento a dois. Mas ele não apareceu.

Irritada por ter se preparado à toa, Alice acaba de atender o telefone.

– Viu o final? Gostou? – pergunta Henrique do outro lado da linha, elétrico. – Eu adorei.

– Detestei. – Alice parece não saber onde socar tanto ódio. – Teria gostado se estivesse em outro estado de espírito. A gente precisa ter uma conversa séria.

– Conversa séria?

– Vem pra cá e a gente conversa.

Ela fecha o *flip* sem se despedir.

– O que aconteceu? – pergunta Ricardo.

– A Alice deu *tilt*.

– *Tilt*?

– É, parece que ficou puta porque não vi o último episódio com ela.

– Eu não insisti pra você ficar.

Henrique enrola um pouco até ir malocado para a casa vizinha. Antes de chegar o pilantra cochichou para si mesmo que fora convencido a contragosto pelos amigos, como se tentasse acreditar na própria mentira à frente de qualquer outro. Mas Alice não quer nem saber:

– Acabou. – Ela coloca na mesa uma caixa com os pertences do namorado. Governa o diálogo no topo de uma frieza soberana. – Essas são as coisas que você vinha deixando aqui em casa.

– O quê? Que joguinho é esse, Alice?

Ela só desescora da pia para caminhar de forma teatral pelo cenário. Discurso decorado, eu vi.

– Henrique, meu amor, eu não durmo há dois dias. Vamos resolver isso logo? Pega as suas coisas e vai embora. Eu vou dormir.

Ele pega a caixa meio atônito, porém resignado:

– Tudo bem. Estou indo embora.

O travesseiro transporta Alice para outra época de insônia. Como você pode ver, em tudo há *links*, hipertexto. Eu só acentuo. Na lembrança de agora ela devia ter sete anos. Havia um gato de rua, miserável, coitado, vagando pela vizinhança. Mas ela ainda não o via como "coitado".

– Gato nojento, sempre vasculhando as lixeiras – dizia.

Ricardo concordava com a repugnância pelo bicho coxo, mas em mais alto grau. Tanto que o jogou no terreno do cachorro.

O bichano não escapou como fariam outros gatos. Tão lerdo, virou maria-mole na mandíbula feroz.

Alice ficou aterrorizada. Seu amor de menina por Ricardo estremeceu. Pela primeira vez via o diabrete por trás do aspecto angelical. Contudo não podia negar: fora cúmplice. Então transferiu o ódio para o cão, o grande culpado, e acumulou tanta raiva que decidiu matá-lo. Teve diversas idéias, divertindo-se em imaginar cada possibilidade de tortura. E só porque não queria despendar muito trabalho acabou usando uma das menos cruéis: veneno de rato enrolado num bife.

Alice não reprimiu prazer vendo bicho definhar. Estou incitando até uma lembrança inventada: o cachorro foi mal enterrado por ela na areia do *playground*.

Há dezesseis anos, preciso fazer Alice entender com clareza, a consumação da ira foi o que a pôs dormindo como um anjo.

## XX

– Não vai atender o celular? – pergunta Tibizildíssima, irritada com o barulho do toque. Ela pega o aparelho para ver o nome registrado na bina. – É o Henrique? Aquele Henrique?

– Ele mesmo. Não pára de ligar.

– Por que você não atende? Ele continua tentando te fazer ficar com a parede?

Pelas conversas que Ricardo e Tibizildíssima já tiveram sobre sexo, ela sabe que o amigo não gosta de nenhuma posição que o deixe de costas, incluindo de quatro. Ele diz que a dificuldade de ficar olhando pro parceiro o deixa "muito solitário". Além disso, a pergunta retórica é mais um desafio da garota que não é só Tibizilda, mas muito Tibizilda. Ricardo resolve atender:

– O que foi, Henrique?

– Ei, Rick Rick. Tudo bem?

– Ah, agora você está mais amistoso? – questiona Ricardo, com cinismo, como se estivesse surpreso.

– O quê?

– Olha, Henrique, eu sei quando uma pessoa sente vergonha de outra, quando uma pessoa não quer ser vista com outra. Fala apressada, fica olhando em volta... Não sou obrigado a conviver com gente que me trata assim. Eu não preciso disso. Então me poupe das suas ligações.

– Uau! – surpreende-se Tibizildíssima. – Você desligou na cara dele?

– Desliguei – confirma Ricardo. – Ontem eu fiquei muito chateado. Fui perguntar se ele estava indo pra casa, pra gente ir embora da faculdade junto... Você precisava ver como ele reagiu. Voltei a me sentir rejeitado como eu me sentia com o ex.

Tibizildíssima está concordando com a cabeça. O silêncio não dura até ela parar.

– Quanto à parede, – sorri Ricardo – ele tem brigado pra ficar com ela.

– WHAAAAAAT???

Ricardo cai na gargalhada – adora ver Tibizildíssima berrando "What?".

Vamos à Alice. Ela não dorme há cinco dias. Tão surtada! Agora se afasta do auto-retrato. Sua figura na tela está erguendo um tecido branco em meio a um tiroteio, o pano centralizado no quadro. As pessoas no entorno matam umas as outras, quando não a si mesmas.

A minha protagonista... Ah, essa desgraça de protagonista! Ela recosta-se num canto do quarto. Tapa os ouvidos sem largar o pincel, sujando-se toda. Dispara o monólogo para evitar o som dos estouros:

– Isso é alucinação, as pessoas não estão se matando. Isso é alucinação, isso é alucinação, alucinação, alucinação...

Sem parar de rir, passo para o lado de fora da casa. Incentivo moleques a continuarem a estourar bombinhas.

– Que tal nos canos de descarga? – aconselho.

E os garotos descobrem o novo lugar para atacar os explosivos.

– CHEGA DE ARTE! – grita uma das mães.

– Isso eu não planejei – digo eu, dando mais risada ainda.

Alice, numa idiotice insuperável, não tem coragem de colocar as fuças na janela.

– Está com medo de levar um tiro? – questiono. – Sua imbecil. Vamos, anda, continua pintando.

Ela se levanta. Ao se reaproximar, percebe que só colocando-se numa posição centralizada diante da tela dá para enxergar a imagem de si própria. Um pouquinho pro lado e sua silhueta desaparece.

– Preciso ficar aqui – conclui Alice. – O pano precisa permanecer erguido.

Ela cai no choro. Suas lágrimas se intensificam a medida que se perde na canção que alguém assobia na rua.

Coitada, assobios são muito fúnebres.

## XXI

Hemengarda vai atravessar a Praça 7. Foi difícil convencê-la a vir pelo Centro, mas eu consegui. Vai ser ainda mais difícil fazê-la presenciar a reconciliação de Henrique e Ricardo, que por minha influência, também, está prestes a acontecer. É desgastante ficar me teletransportando de um ponto para o outro, mas o exercício me engrandece. A cada dia que passa me aproximo mais da ubiqüidade.

Agora. Henrique corre atrás de Ricardo, puxa-o pelo braço. Os dois discutem na faixa de pedestres, bem em frente ao carro de Hemengarda. A amiga da Alice já percebeu.

– VOCÊ QUER QUE EU DIGA QUE EU TE AMO, RICARDO? – berra Henrique. – QUER QUE EU TE BEIJE NO MEIO DA PRAÇA 7 PRA VOCÊ ACREDITAR EM MIM?

Deu certo. Antes de qualquer reação de Ricardo, Henrique o beija. Hemengarda se sobressalta. Boquiaberta, está horrorizada na platéia. *Meu Deus, o Henrique é gay, meu Deus, o Henrique está pegando o cara que a Alice odeia*, deve ser esse o pensamento. Ela só solta a respiração quando escuta as buzinas. O sinal está aberto, o espetáculo já terminou, mas ainda é difícil se recobrar.

Os exibicionistas foram embora. “A gente vai apanhar”, sussurrou Ricardo, sorridente, durante o beijo. Assim como amigos montam um no outro quando ficam bêbados, ele saiu envolvido no braço de Henrique. Nem repararam nos olhares de desprezo dos numerosos evangelizadores que dominam o lugar.

Hemengarda é xingada pelo motorista logo atrás, mas nem escuta. Custa a arrancar o carro. Segue de olho nas entradas para pegar o primeiro retorno. Precisa urgentemente voltar à Cidade Nova e contar tudo para Alice.

Ela abre o porta-luvas procurando o baseado.

– Preciso relaxar – justifica-se a si mesma. – Contar para a Alice. – Hemengarda respira fundo, é quase como se dissesse um palavrão. – Ai meu Deus, como?

## XXII

Os óculos escuros são como tarja preta censurando a esclera vermelha de Hemengarda. Alice não fuma maconha porque é paranóica demais, diz que os efeitos são péssimos, mas não reprime a amiga.

Eu lamento por quem não usa drogas. Entorpecidas as pessoas ficam mais próximas de mim, poupam-me trabalho por estarem mais vulneráveis às minhas investidas. Não que a Alice não esteja vulnerável – sete dias sem dormir surtem efeitos mais danosos do que qualquer entorpecente.

– Eu não sou uma assassina, Memê, não sou.

– Alice, não era uma pessoa. Você matou um cachorro.

– Assassinos torturaram animais na infância, Memê.

– Assassinos, *em geral*, torturaram animais na infância – corrige Hemengarda.

– CALA A BOCA, MEMÊ! – grito eu.

Hemengarda sofre um tremelico, ergue o braço:

– Nossa, que arrepio!

Do jeito que a Alice é frágil, o plano B vai ser inevitável. Ela dá seqüência:

– As pinturas estão extrapolando as telas, Memê – insiste. – Você não reparou que surgiram mais bicicletas do que o normal?

– Pra mim está normal... E se surgiram mais bicicletas mesmo? Qual o problema?

– Nenhum... – Alice concorda numa entonação meio resignada. – Você está bem, Memê? A Druzila está bem? Estou preocupada. Quando eu saio na rua, tenho a sensação de que tudo ao meu redor é falso, de que vocês me colocaram numa redoma pra me proteger dos horrores que vêm acontecendo... Horrores do qual eu sou culpada... As pessoas não estão se matando? Vocês estão bem?

Um veículo de auto-escola contorna as duas na praça pela terceira vez.

– Esse homem já passou por aqui? – questiona Memê, erguendo os óculos para observar melhor.

– Eu vejo esse homem com cara de desaprovação diversas vezes por dia desde que dei a última pincelada na tela das bicicletas. Se eu te disser que ele está me seguindo, você vai achar que eu estou doida?

– Só se você me disser que é por ter concluído a tela.

– Depois dos tiros... Eu ando escutando assovios, – comenta Alice. – uma canção tão fúnebre!

– Então você tem consciência de estar ouvindo a minha canção! – comemoro eu.

– Que maravilha, estamos próximos!

Desde que me inspiraram, não paro de assobiar ao lado da Alice. E se ela realmente me escutou... Ah, se ela realmente me escutou!

– Alice, eu não sei se é um bom momento pra dizer isso...

– O que foi?

– Eu passei pela Praça 7.... – O tom de preocupação de Hemengarda é evidente.

– Eu vi o Henrique e o Ricardo se beijando.

– Hã?

– O Henrique e o seu vizinho estavam se beijando hoje, em plena Praça 7. Neste instante a flecha preta do ciúme atravessa o peito de Alice. É como se a ponta estivesse besuntada com anestésico.

– Você confundiu as pessoas, Memê – ri Alice. – O Henrique e o Ricardo? Hemengarda assume a postura mais séria que consegue. Está bastante séria:

– É sério. Foi bem na minha frente. Eu estava dentro do carro, os dois discutindo na faixa de pedestres, aí se beijaram.

Alicie dá outro riso. Não quer acreditar em Hemengarda.

– É sério?

– É, Alice, mas fica tranqüila...

– Não... Tudo bem... Eu estou tranqüila.

A flecha está ali, atravessada no peito de Alice. E o frango degolado persiste encarando, vivo, quem o observa. Daqui a pouco ela percebe, já já não consegue mais prestar atenção nas palavras de Hemengarda.

Hemengarda continua falando, mas Alice pára de escutar. O peito começa a doer e a aparente sobriedade vai aos poucos se esvaindo. Há até falta de ar.

– Espera, Memê – diz Alice. – Repete o que você disse. O Ricardo com o MEU NAMORADO?

– Alice, eu juro.

– Eu não posso acreditar.

– Sabia que eu não devia ter te contado – lamenta Hemengarda.

– Como não devia ter me contado?

Alice abre o celular e busca o número do namorado.

– Vou esclarecer isso agora – diz ela.

– Eu devo ter visto errado. – Hemengarda está visivelmente arrependida. – Alice, escuta o que eu estou te falando. Não liga pro Henrique.

Alice se afasta.

– Henrique? Você está ficando com o Ricardo?

– Alice? – Henrique não sabe o que dizer.

– Responde, Henrique.

– Alice, relaxa.

– Relaxa o caralho.

– Alice, nós estamos terminados.

– Henrique, você é viado? Não dá pra acreditar.

– Alice...

Ela não dá a mínima pro que ele tenta falar:

– Henrique, você está ficando com o Ricardo?

– Alice...

– Henrique, responde: sim ou não.

– Estou, Alice. Eu estou ficando com o Ricardo.

– Eu não posso acreditar, Henrique. Você e o Ricardo? Justo o Ricardo?

– Alice, você terminou.

– Mas não era pra isso, Henrique. Era pra você refletir sobre nós dois. Eu não posso acreditar. E logo com o Ricardo! Você não sabe que eu odeio o Ricardo?

– Alice, a Memê está aí com você, não está? Não fica sozinha – aconselha Henrique. – Esquece o nosso relacionamento. A gente terminou.

– Não, Quadrado. Eu te amo. Não é possível.

– Eu não te amo mais, Alice. Acabou. Desculpa.

Que agonia. Não vou nem transcrever o que ela começou a dizer agora. Leitor nenhum suportaria o tanto que a Alice se rebaixa. Ainda bem que o Henrique está irredutível. Nem sentimento de culpa vai modificar esse cenário.

Maravilha de cenário.

## XXIII

Alice está sobre um homem de bruços. O clitóris avantajado que ela ostenta se aproxima das costas largas do cara.

– Só a ameaça do toque já te provoca arrepios? – pergunta Alice, admirada, diante da imagem na tela que acabo de descrever.

O tempo inteiro ela conversa com as próprias pinturas. Na verdade é comigo. E tá, eu sei que você já entendeu, foda-se se eu sou prolixo.

– Está revivendo a cena, é? – questiono.

– Parece que estou revivendo a cena – ela diz.

Será que a Alice anda me escutando? Toda vez que ela repete os meus sussurros, toda vez... Bom, ela já repetia, mas como todos os outros, sem consciência. Faz tanto tempo que não vou à luz!

Ela dá a última pincelada nesse quadro pornográfico. Pelo que já disse, essas sacanagens são lembranças do primeiro ano de namoro com o Henrique.

Na casa ao lado, Ricardo também pinta as costas. Para Henrique é bem mais interessante do que um clitóris avantajado. Entre os dois, algumas mudanças: depois da metamorfose, nem troca-troca.

Retorno à Alice para me deparar com a destruição do quadro.

– Meus pais não podem ver isso, meus pais não podem ver isso – repete ela.

– Que espécie de pintora é você? – reprimo eu. – Vai se ponderar por vergonha do papai e da mamãe?

– Que espécie de pintora é você, Alice? – É ela na terceira pessoa. – Vai se ponderar por vergonha do papai e da mamãe?

Eu continuo instigando nela um monólogo de doida:

– Mas e se a sua mãe pegar? Ela pode juntar esses pedaços retalhados. Melhor queimar tudo.

– Acho melhor queimar isso.

– Você é um fracasso.

– Uma tela que deu tanto trabalho...

## XXIV

Alice resolveu escrever sobre o que tem passado. Uma coisa não posso negar: quando ela quer, consegue ser bem centrada...

*De olhos fechados é possível imaginar lugares, mas a definição não é a mesma do que vemos de olhos abertos. Os sonhos também são assim, turvos, com o diferencial de serem conduzidos inconscientemente – não existe poder sobre o que acontece no plano onírico. Essa criação mental independente, característica dos sonhos, também ocorre no despertar e quando se está prestes a dormir, sendo possível ter consciência da extensão do sono por conta de pensamentos que fujam de uma total coordenação. São esses pensamentos que eu estou atingindo constantemente. Estou acordada e ao mesmo tempo no estado de criação mental característico dos sonhos. Como as*

*situações vivenciadas nos sonhos têm poder de produzir sentimentos tão fidedignos quanto os do mundo real, e como os sonhos podem passar bruscamente de uma situação para outra completamente diversa, de um sonho agradável a um pesadelo, por exemplo, fica fácil entender mudanças repentinas, às vezes em curtos espaços de tempo, nos meus estados de humor.*

Realmente, Alice vai do sofrimento às gargalhadas em questão de segundos. Um pensamento leva a outro e cada um contém sentimentos dos mais diversos. Ela já mencionou a sensação de dormir e transformar-se em monstro, Jekyll-Hyde. Sempre que está para pregar os olhos, assusto-a com alguma surpresa torturante.

A sensibilidade auditiva desse estado impressiona. Em algum prédio em construção, os diversos prédios da cidade em eterna construção, marteladas, disparos de broca e até britadeiras destroem o teto sobre a cabeça de Alice. Ela tem a impressão de que sua casa vai desabar a qualquer momento. Estar ali não parece seguro. Lugar nenhum parece seguro.

– Por favor, Deus, eu preciso dormir – implora Alice, a própria voz ecoando na mente por causa dos tufos de algodão entupindo o ouvido. – Enquanto eu não dormir o turbilhão de pensamentos só vai piorar, eu sinto isso. O meu cérebro precisa de um *scan disk*. Acho que os computadores modernos não têm mais essa função, mas eu ainda preciso. Antes a insônia provocasse esquecimento, como acontece no surto de Macondo. Ai meu Deus, o que eu faço?

Esses dias a Alice me pintou. Mal pude acreditar quando comecei a me reconhecer no esboço. Isso nunca tinha acontecido.

– Alice, minha querida, olha pra mim.

Alice olha na minha direção. Está escuro, não sei se dá pra me enxergar. Ela senta na cama, arregala os olhos para o meu vulto. Então se assusta.

– Quem é você? – questiona, apreensiva, olhando direto pra mim.

Sorrio:

– Alice, sou eu. Você me pintou. Não me reconhece?

– Não encosta em mim. – A voz dela é de pânico. – Tem dinheiro ali na minha bolsa, pode levar o que quiser.

– Olha bem pra mim. Você acha que eu vim aqui pra te assaltar?

– O que você quer?

– Eu quero... eu quero você, ora bolas.

– SOCORRO!

– Calma, sua maluca. Eu vou te explicar. Estou aqui há mais tempo do que você imagina. Você não dorme faz uns dez dias, não é isso? Anda sonhando acordada... Hoje mesmo sonhou com o Henrique revestido com o vidro doce da maçã do amor. – Solto uma risada. Em seguida me teletransporto para o outro lado do quarto. Alice arregala ainda mais os olhos, a visão está bem adaptada à penumbra. – Estou errado?

– SOCORRO!

– Só você me enxerga, Alice. Se continuar gritando, vai acabar internada.

– Meu Deus, eu preciso sair daqui. Eu não suporto mais. Agora comecei a ficar esquizofrênica. O que eu posso fazer pra sair deste inferno?

Desvio o meu olhar para a televisão. O aparelho liga “sozinho”. São imagens da noite urbana, a mensagem em neon: “Desperte! Alucine! Reinvente-se! Alice vai encarar a cidade”.

– Vamos dar uma volta – proponho. – Anda, larga mão desse medo.

– Vai embora, alucinação, vai embora.

Alice fecha os olhos. Quando abre, suspira aliviada. Não me enxerga mais. É como se tivesse sido mais um desvario.

– Não vai encarar a cidade? – pergunto.

– Preciso sair de casa. – diz ela, correndo pra abrir o guarda-roupa. – Alice vai encarar a cidade!

## XXV

Pela noite. Alice colocou seu vestido favorito, confirmando, obviamente, que tem bom gosto: está deslumbrante de preto. A total falta de apetite provocada pela Insônia colaborou bastante – até agora se foram quatro quilos, ela está até abaixo do peso ideal (gosto de mulheres magérrimas, a animalidade da gula não me apraz nem um pouco). As olheiras estão devidamente escondidas sob a maquiagem. Ela só não continua de nariz empinado porque ficou horrorizada com a pedinte que a reverenciou na rua. “O que eu fiz?”, perguntou a si mesma. “O que *eu* fiz, o que *eu* venho fazendo”, não chego a responder, só medito com os meus incansáveis botões Armani. Neste instante o mendigo de muleta encostado na vitrine canta uma música que ela já ouviu em inglês. *Eu não sei parar de te olhar*. Ela passa e o cara a acompanha com os olhos, ainda aos gorjeios. *Eu não me canso de olhar*.

– Eu não devia ter saído de casa. Estou muito alucinada.

Ela encontra Hemengarda na esquina seguinte.

– Oi Alice. Que bom que você resolveu vir com a gente.

– Vocês precisam me prometer que não vão me transformar em vela.

– Claro que não.

Eles entram na Roxy. Alice treme com a música alta – na situação que ela está, esse é um ambiente bastante claustrofóbico. Sem contar que o *trance* altera batimentos cardíacos, algo não muito agradável a quem se sente suficientemente sensível para achar que vai morrer do coração.

– Respira fundo, Alice – aconselho. – Vou tentar te entreter. Você não acha estranho que a Memê tenha tanto dinheiro pra gastar em festas? Festas muito caras, diga-se de passagem. E o seu irmão, de onde tirou dinheiro para ir à Argentina? Você sabe? O Henrique comprou aquele carro... Ele estuda mesmo? Educação Física? Não frequenta a faculdade só para fingir que estuda? Eu achava que ele fosse garoto de programa. Já pensou se ele é soropositivo? Vocês transavam sem camisinha, não transavam?

– Estão todos envolvidos nessa conspiração. Todos se venderam – conclui Alice. – Quem é o Big Brother? Meu Deus, quem está fazendo isso comigo? Eu me lembro de um cara que visitou os meus pais quando eu era pequena, querendo que eu fosse com ele pro exterior por causa dos meus desenhos. Ele queria me levar pra estudar arte, disse que me conhecia de outras vidas.

– VOCÊ FICA MUITO ESTRANHA CONVERSANDO SOZINHA. – grita Hemengarda. – AINDA BEM QUE COM O BARULHO DA MÚSICA NINGUÉM TE ESCUTA. VAMOS SAIR DA PISTA UM POUCO. VEM, EU TE PAGO UMA CERVEJA.

– ESTÁ RICA, HEIN.

– POR ENQUANTO.

– Talvez você nem seja filha dos pais que te criaram – suponho eu. – Talvez você seja uma criatura artificial.

De uma hora pra outra, dentro da boate, as pessoas se parecem com outras que Alice viu durante toda a Insônia Eterna. Parecem-se entre si, inclusive. É assim que a maldição funciona.

Alice olha o próprio cigarro, provavelmente com medo de jogar na lixeira e alguém usá-lo para cloná-la. Como todos os outros – mas nos outros só está no subconsciente – ela se vê tão apavorada com a possibilidade de ser clonada que até se juntaria aos fanáticos religiosos que se manifestam contra a evolução da ciência, mas é orgulhosa demais para abdicar dos ideais liberais que cultivou a vida inteira.

O cara do bar chama Alice pelo nome. “De onde você me conhece?”, ela questiona. Ele retribui com um sorriso, só fingiu ter escutado. “O seu nome deve estar na comanda”, conclui Hemengarda.

Elas voltam para a pista. Toca *The world is mine*. Alice derrete ao lado da caixa de som. “Foda-se a ciência”, ela diz. A música está num volume tão alto que ninguém a escuta, mas eu faço leitura labial.

– Eu vejo as mesmas pessoas – observa Alice. – O todo se resumiu em um, e esse um sou eu. Quase consigo ver o momento exato da criação.

Criatura mais fascinante, essa Alice.

– Vamos embora – proponho. – Essa sua percepção de mundo pode levar algum invejoso a te matar. Olhe bem: todo mundo aqui sente a energia que emana de você – Alice olha o entorno depois do meu alerta, encontra os olhos de algum mal-encarado. – À francesa, garota. Vamos antes que isso termine em catástrofe.

Ela sai da boate, aliviada, e pega um táxi.

– Estão me reverenciando, estão me odiando... O que eu fiz, meu Deus? O que eu fiz? Eu nunca mais vou pintar. Nunca mais.

O celular toca. Alice atende e pede desculpas à Hemengarda por ter ido embora sem avisar. Justifica-se dizendo que não está muito bem. Quando desce do táxi, dirige-se a mim:

– Eu não posso ser esquizofrênica, não posso.

– Pára de me ver como alucinação.

– Então prove. Prove que não é produto da minha mente.

– Como?

– Sei lá. Faça sair sangue pela torneira.

– Não sou de ficar me exibindo.

– Você não existe.

– Dirigir-se a mim para me negar nos coloca diante de um paradoxo.

– Não passa de produto da minha mente.

– Ah, Alice, você não vai entrar numa de querer discutir Descartes, vai?

– Eu vou tentar dormir. Estou morrendo de sono.

– Não custa nada tentar.

Sento na poltrona de couro branco, em frente à cama de Alice. Ela volta da cozinha com um copo com água. Agora me enxerga constantemente, mas finge que não. Tira as pantufas em formato de sapo e deita. Morre de sono, só que não consegue dormir.

– Estou desesperada por uma noite de sono sem sonho. Só uma noitezinha de inexistência.

– Quer conversar sobre isso?

Alice reprime um palavrão, fecha os olhos. Negocia com Deus o adiamento da morte. Quando a voz de oração começa a embolar e ela está próxima de dormir, toco o apito. A pobre-coitada sai do início do cochilo num susto. Parecia o barulho de uma maria-fumaça. A locomotiva puxava Alice e outros impuros nos vagões para um campo

de concentração. Era assim que a miserável se sentia, num campo de concentração, aflita à espera da morte.

– Como eu posso voltar na próxima encarnação? Eu e o Ricardo numa ilha deserta, como em *A lagoa azul* – divaga ela. – Nós dois nus esquiando nas montanhas, sol de rachar, velocidade máxima, esquiando e trepando.

– Que imaginação – observo. – Por aqui isso é meio impossível.

– Vou pintar – resolve ela. – É melhor aproveitar que a castidade é a economia do artista.

– Posso ir junto?

– Você vai vir de qualquer jeito, não vai?

Antes de chegarmos ao ateliê, leitor, quero que você submeta a questão de Jó a exame interior. Antes eu tivesse me apresentado como solução para toda aquela desgraça. Que alternativa o desafortunado tinha? Jó não recebeu proposta alguma, blasfemar não o levaria a nada. Alice, por sua vez, vai receber o benefício da escolha. Ela pára diante de suas telas. Chegou o momento.

– Você não quer se livrar de todo esse sofrimento, Alice?

– Eu preciso.

– Eu quero te levar comigo.

– Pra onde, coisa ruim?

– Pra onde você quiser. Vamos fazer um pacto.

– PACTO?

– Nós dois podemos dar uma volta pelo mundo, passear por ele, o que você acha? Dá pra morrer de rir com as coisas que a gente faz. Levantar a saia dos outros...

– Então foi você? Eu senti a minha bunda ser apertada no meio da rua e não tinha ninguém atrás de mim!

Ela cai na gargalhada. Também dou risada antes de prosseguir:

– Você não quer se divertir comigo? Depois de tantas traições, pense um pouquinho em você. Estão todos comprados, inclusive os seus pais. Você pertence a mim desde antes de nascer. Junte as peças, você vai ver que eu digo a verdade.

O humor de Alice muda do vinho pro vinagre, pá-pum:

– SAIA JÁ DAQUI, SEU DESGRAÇADO – grita ela. Em seguida pega o celular e arremessa contra mim.

– Mas que mania, que carma – praguejo. – Pelo menos não sujou o meu Armani. Ah, Alice. Você não acha que esse telefone... Ora, ora, um Motorola V3 – digo admirado. – Pensei que esse modelo tivesse saído de linha. – Respiro fundo. – Veja só! A janela estava aberta. – Projeto o meu braço para o lado de fora. – Está vendo? O celular só não caiu lá fora porque o meu corpo cobria a passagem. Lamento te informar, Alice, mas eu penso. – Faço uma pausa. – Bom, chega de divagações. Eu só peço que você reflita. Comigo tudo é possível. O mundo pode ser seu. Até *A lagoa azul* pode ser sua.

Alice senta no chão e abraça as pernas. Durante a Insônia qualquer teoria da conspiração faz sentido, por mais absurda que possa parecer. Só mais um pouquinho...

Passam-se alguns minutos até que Alice torne a me encarar:

– O que eu preciso fazer?

– Destrua esses quadros. – Abro o paletó e tiro a tesoura do bolso interno. Estico o objeto para Alice. – Você não vai precisar deles.

– É a fio navalha da Memê.

– Será que é só a tesoura fio navalha da Memê? Não está maior?

– Seria ela um hrönir?

– Pelo sim pelo não porque você não começa destruindo o quadro inspirado em *Orbis Tertius*.

Ela crava a fio navalha nos tigres transparentes e nas torres de sangue.

– Continua – incito.

Alice continua destruindo os quadros. As bicicletas, o tecido branco em meio ao tiroteio. Ela vai rasgando todas as telas com a tesoura, sem pestanejar. Pinturas inspiradas no irmão, nos pais, nos amigos. Ao retirar o pano que cobre a décima oitava pintura, de súbito pára. A tesoura cai no chão.

– O que aconteceu? – pergunto.

É a pintura do cisne, mas o olhar de Alice está para o lago de superfície negra e refletora: ainda é um pato. O reflexo ainda é daquele pato encardido. Ela é capaz de ouvir o Henrique imitando o Pato Donald, acabou de fazer igual.

– O meu pato – diz, secando as lágrimas que descem para o sorriso. – O meu pato. O que eu estou fazendo? Meu Deus, o que eu fiz com o meu namoro?

– Alice, pára com isso, vem comigo.

– O que eu quero ninguém pode comprar.

Não sei mais o que dizer. Nem simbolicamente ela consegue acabar com o Henrique. Como é possível que ela ainda goste daquele cara?

Alice parte para o quadro seguinte, o último quadro. É a pintura que ela fez de mim.

– Não, Alice – peço. – Por favor, Alice, eu te amo.

– Eu sinto muito.

Alice me rasga no retrato. Se pelo menos me rasgasse com raiva... Em seguida pega o celular para ligar pro Henrique, mas o aparelho está quebrado. Ela então segue para a sala, onde fica o telefone fixo.

– Não, Alice, não se humilha.

Alice me ignora.

– Henrique, não importa o que você fez, eu preciso de você. Volta pra mim. Assim que você pegar esse recado, liga pra mim.

Antes de me retirar, eu calculo:

– Quando a sua dor passar. Espera a sua dor passar.

*Quando ele se foi, – escreveu Alice – parei diante do espelho e usei a tesoura para cortar os meus cabelos. Uma tempestade caía do lado de fora. Saí para me molhar e lavar a sujeira impregnada na minha alma. Depois o sol começou a surgir e tudo parecia inesperadamente tão sagrado – o deslizar da toalha pelo corpo, uma respiração profunda, um gole d’água, a delicadeza de segurar o copo. Estava desenhado nas nuvens que eu tinha sido abençoada. Fiz uma oração. O mundo ficou leve e silencioso e só era possível ouvir os pássaros. Choro, enfim um choro tranqüilo, sem soluços, só as lágrimas, talvez um sorriso ao vê-las molhando o parapeito da janela. Leve, eu me sentia leve diante daquele momento que é o mais refrescante do dia. Depois de mais de dez dias – perdi completamente a noção de tempo – voltei a dormir. E nada, no mundo inteiro, daria tanto prazer a uma pessoa quanto aquele pregar de olhos.*

## Epílogo

Antes de iniciar a leitura do epílogo, leitor, que tal um copo de leite?

Um pouco dos últimos meses da Alice, escritos por ela mesma:

*Por toda parte eu ouvia telefones que não tocavam pra mim. Toques polifônicos, de mensagens, alertas vibratórios. Seria o Henrique? Algo dentro de mim sempre saltava na esperança de atender o Henrique. Ao acordar pela primeira vez depois de tanto tempo eu me sentia melhor, mas ainda não tinha me recuperado. Precisava estar com Henrique como uma criança tímida entre estranhos precisa estar com a mãe. Afinal o mundo inteiro parecia estranho pra mim. Não sei se posso dizer que era um ataque de pânico, mas não dava pra sair de casa. Tive que me afastar dos amigos porque tudo parecia uma ameaça. Houve dias que senti picadas pelo corpo, podia jurar que tinham feito uma boneca de vodu pra mim. Era um horror, mas pelo menos eu dormia e assim os medos iam se esvaindo.*

*O Henrique não deu sinal. Em uma separação, aquele que não ama é o que diz coisas carinhosas. Acho que o meu ex-namorado foi carinhoso demais. Eu, apaixonada, fui a personificação da fúria.*

*Como eu podia acreditar que era impossível transformar dois em um, se eu já não era mais só eu? Tudo ao meu redor fora compartilhado com ele, tudo me lembrava ele. Em alguns momentos eu achei que para esquecê-lo seria necessário me desfazer da imagem que o espelho me devolve.*

*Toda aquela solidão me proporcionava sonhos tenebrosos. Num deles eu encontrava aquele homem de terno, propunha uma troca.*

*– Estou farto de dedos mindinhos – alegava ele.*

*A alucinação chegou a me oferecer uma peça que entra pelas pernas para me transformar em homem. Falou que eu podia me chamar Agenor.*

*Em outro sonho eu via diversos amigos num shopping center, todos cheios de sacolas. Passei por eles me escondendo. Ao entrar no banheiro, dei de cara comigo mesma. A outra Alice diante de mim, com pantufas em formato de sapo iguais às minhas, disse:*

*– A sua boca está fedendo.*

A fase passou. Alice se reergueu como todos os outros depois da primeira frustração amorosa. O estalo, vale mencionar, veio quando ela descobriu um meio de manipular aquele clitóris imenso e mijar feito homem. Hoje ela é outra mulher, só quer saber de si mesma.

Ricardo e Tibizildíssima se mandaram pra Europa. Ele terminou com o Henrique, disse que não conseguia mais se envolver. “Nunca mais quero passar por um namoro”, argumentou.

Emengarda aprendeu a controlar os nervos. Principalmente no trânsito. Ela está “amigada com um cara”, como sua mãe vive amargando. O nome dele é Audrey, trabalha como lixeiro. Não preciso dizer que o acontecimento deixou todo mundo escandalizado. Agora os dois moram em cima do salão de beleza que ela montou. Esses dias ele chegou em casa com um corte de caco de vidro na mão, uma ferida medonha. Emengarda ficou torcendo pra dar uma cicatriz igual à que fiz nela com a fio navalha.

A propósito do Felipe, antes preciso te contar uma coisa. Para tomar corpos, principalmente quando o objetivo é praticar atos desagradáveis, prefiro designar os meus subordinados. Eles me poupam da sujeira que é o organismo humano. E até têm

alguma competência na possessão, o que não é lá muito difícil em pessoa drogada e bêbada. Agora imagine eu, participar daquela porqueira na Argentina, ainda mais com aquela gente contaminada...

– Felipe, estou grávida. – anunciou Guinevere um mês depois da volta da Argentina.

– O quê?

– É isso mesmo. Já até escolhi o nome: IMUNDICE. Você não queria uma imundice nova?

Obvio que ela não teve a criança. NUNCA teria filhos. Foi um baita perrengue.

Ah, sobre a adolescência dramática do Henrique, ele ficou internado na Febem durante muito tempo. Atualmente o lugar tem outro nome, dizem que foi reformulado. Pelo menos os garotos continuam ditando as próprias leis, pois não seria justo se não castigassem quem se atreve a pegar um pedaço de pão a mais nas refeições. Caso do Henrique: o pedaço de pão que lhe cabia caiu no chão e ele teve a audácia de pegar outro. Isso lhe custou quinhentas chineladas na palma da mão. Bem feito. E se emitisse qualquer som durante a punição, a contagem recomeçava do zero. Parece que não dói, eu sei, mas aredite: ele podia ter perdido a parte do corpo. Eu queria ter contado com mais detalhes, mas a censura me boicotou (não achei ruim, ser censurado é muito chique). Henrique, no próprio íntimo apelidado Jean Valjean, conseguiu refúgio na lavanderia, onde passava seus dias cuidando das roupas nas máquinas de lavar.

Agora o Henrique não mora mais na favela. Conseguiu se formar em Educação Física e arrumou um emprego interessante. Dá pra vestir-se como uma bicha novaiorquina e sair pra Josefine todo fim de semana. Deu inclusive pra comprar uma casa decente pra mãe. Enfim, livrou-se da obrigação. Às vezes, quando acumula muita roupa suja e não tem dinheiro pra mandar lavar, até faz uma visita. Diz que não há nada mais detestável do que lavar roupa.

Eu? Eu estou entretido com o Golem que foi criado a partir de uma costela da Thalía. Claro que não deixei de oprimir o peito dos adormecidos nem de lhes inspirar sonhos atroz. Olhe bem para as suas unhas: eu estou de baixo delas.

# Postscriptum

Quem escreve agora é o autor, ou o panaca do digitador, que seja, para acrescentar um trecho cortado da versão final. Foi idealizado pela persona de que deu alma à Alice. Ela era muito apegada à personagem, sofreu um bocado durante o processo. Estava sequiosa por uma porcaria dum “final feliz”:

Alice percebe, neste reencontro, que Henrique morreu. Agora é outro homem. Tem outro carro e outro relacionamento.

- Estou detestando este carro – ele comenta. – Dá muito problema.
- Mais do que o 147?
- Mais do que você.
- Então é por isso que anda tentando me trocar?
- Talvez.

Enrique não pronunciou “talvez”. Alice escutou da linguagem corporal. Dá trabalho, essa garota. Ter que manipular as diversas formas de comunicação para que ela continue com a dúvida é um exercício muito cansativo.

- Nós dois vamos terminar juntos – ela insiste. – Você sabe disso.
- Eu sei.

Não existe mais dúvida. Desisto da manipulação porque não há o que os impeça de ficarem juntos.

- Resolve esse seu problema com carros e volta pra mim?
- Resolve esse *seu* problema com os *meus* carros e volta pra mim?
- Volto assim que você puder me assumir. Não estou falando de carros. Não suporto mais “Preciso dizer que te amo” e dizer que te amo e só te perder.

- Por que você não pára com os jogos?
- O tempo não pára.
- Você e o Cazuzá... Meu Deus, eu enlouqueço com vocês dois!
- Amor, se eu fosse homem, eu seria o Cazuzá.
- Gosto de meninos e meninas, você sabe. Talvez seja por isso que eu te amo tanto. Ah, Alice...

- Não me chama de “Alice”.
- Quer que eu volte a te chamar de Quadrada?
- Não, Quadradão. Eu quero que você me chame de “amor”.

Enrique sorri:

- Sabia que eu adoro um amor reinventado?

Ela retribuiu o sorriso. Acaba de descobrir que “sabia”.

Os dois se beijam.